

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOSÉ NILTON BARBOSA LAPA

CUIDADO PASTORAL E PSICANÁLISE: UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE O
DISCURSO DA FÉ E DA GRAÇA E A CIÊNCIA DO INCONSCIENTE E DA CLÍNICA

São Leopoldo

2015

JOSÉ NILTON BARBOSA LAPA

CUIDADO PASTORAL E PSICANÁLISE: UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE O
DISCURSO DA FÉ E DA GRAÇA E A CIÊNCIA DO INCONSCIENTE E DA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado para a
Obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Teologia
Prática.

Orientadora: Profa. Dra. Karin Hellen Kepler Wondracek

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L299c Lapa, José Nilton Barbosa
Cuidado pastoral e psicanálise: uma possível relação entre o discurso da fé e da graça e a ciência do inconsciente e da clínica / José Nilton Barbosa Lapa ; orientadora Karin Hellen Kepler Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.
66 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Cuidado pastoral. 2. Psicanálise e religião. 3. Psicanálise 4. Teologia pastoral. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JOSÉ NILTON BARBOSA LAPA

CUIDADO PASTORAL E PSICANÁLISE: UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE O
DISCURSO DA FÉ E DA GRAÇA E A CIÊNCIA DO INCONSCIENTE

Dissertação de Mestrado para a
Obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Linha de Pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Teologia
Prática

Data: _____

Profa. Dra. Karin Hellen Kepler Wondracek – EST

Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes – EST

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a temática do Cuidado Pastoral seu desenvolvimento histórico, teórico e prático a partir do discurso da Fé e da Graça e a Psicanálise como ciência do Inconsciente e da Clínica, suas estruturas e manifestações a partir de aportes teóricos e práticos da teoria freudiana e lacaniana, apontando os aspectos fundamentais de divergências e convergências existentes no cuidado pastoral e na clínica psicanalítica, pontuando a eficácia de ambos na acolhida de demanda de quem sofre. Veremos que o Cuidado Pastoral e a Psicanálise são duas formas distintas, diferentes e complexas na vida de quem decidiu ocupar o “lugar” de escutar a demanda em forma de discurso de quem sofre no corpo e na alma a falta de um saber sobre a sua “dor de existir”, manifestada por aquilo que a própria psicanálise denomina de sintoma. O Cuidado Pastoral e a Psicanálise sinalizam duas vertentes que se aproximam, mas que também se divergem. A primeira trata da teologia espiritual e pastoral, de seu longo caminho, desde os primórdios da revelação bíblica até os nossos dias. A segunda, de ordem científica, abarca a ciência do inconsciente, suas estruturas e manifestações ou como queria Freud, uma *Weltanschauung*, uma visão, cosmovisão ou concepção do mundo. Neste sentido, diremos que, se a psicanálise existe para quem deseja e quer se interrogar, sua prática está relacionada a outro termo, tal como ‘enfretamento’ de crises e problemas, questionamentos sobre o seu ser e o seu viver, processo de tomada de decisão, o confronto com crise pessoal, o caráter psicanalítico de intervenção centrada em sentimentos, pensamentos, percepções e conflitos como manifestação de sintoma. Nesta reflexão buscar-se-á compreender o Cuidado Pastoral como uma atividade que se fundamenta no agir do próprio, integrando duas vertentes da teologia: a espiritualidade e a prática pastoral, procurando atender a uma identificada demanda na vida de quem sofre ou padece psicológica ou espiritualmente. Por Cuidado Pastoral entenderemos uma atividade que o pastor ou a pastora, o cuidador ou a cuidadora desenvolve entre os fiéis a nível individual ou grupal, no sentido de lhes “responder” ao pedido de ajuda que estes fazem, no sentido de virem a resolver ou dar conta dos aspectos de suas vidas, ou mesmo questões de caráter existencial que os condicionam, incomodam ou faz sofrer.

Palavras-chave: Cuidado Pastoral. Psicanálise. Teologia. Espiritualidade. Fé. Graça. Inconsciente. Clínica. Cura.

ABSTRACT

This paper has as its goal to analyze the theme of Pastoral Care, its historical, theoretical and practical development based on the discourse of Faith and Grace and Psychoanalysis as a science of the subconscious and of clinical care, its structures and manifestations based on theoretical and practical resources of the Freudian and Lacanian theory. It points out the fundamental aspects of existing divergences and convergences in pastoral care and in psychoanalytical clinical treatment, underscoring the efficacy of both in tending to the need of those who suffer. Pastoral Care and Psychoanalysis are two distinct, different and complex paths in the life of those who decide to occupy the “space” of listening to the need in the form of discourse of those who suffer in the body and soul the lack of knowledge about their “pain of existing”, manifest by that which psychoanalysis calls symptom. Pastoral Care and Psychoanalysis signal two strands which are close to each other but also diverge. The first deals with spiritual and pastoral theology from the beginnings of Biblical revelation to our days. The second, of a scientific nature, deals with the science of the subconscious, its structures and manifestations. In this sense, we would say that psychoanalysis exists for those who wish to interrogate themselves. Its practice is related to questionings about one’s being and one’s living, to working with feelings, thoughts, perceptions and conflicts as manifestation of symptoms. In this reflection one seeks to understand Pastoral Care as an activity which is based on the integration of two strands of theology: spirituality and pastoral practice, seeking to tend to an identified need in the life of the one who is suffering psychologically or spiritually. We understand Pastoral Care to be an activity developed among the faithful on an individual or group basis, in the sense of responding to a request for help by these to help resolve or deal with aspects of their lives, or even issues of existential character which condition, bother them or make them suffer.

Pastoral Care is sustained by the faith and the grace of the GREATER LOVE, in psychoanalytical treatment, that is, at the beginning of the analysis, is the transference, which, if well managed by “knowing how to listen” and by “speaking well” will make it possible for the subject in need to have a knowledge that can lead to a relief or maybe even a cure.

Keywords: Pastoral Care, Theology, Psychoanalysis, Subconscious, Clinical Treatment.

DEDICATÓRIA

- Ao Pastor Maior e Mestre do Cuidado: Jesus Cristo, centro de minha vida.
- Aos meus pais: Alaíde e Antônio, especialmente à minha mãe que continua até hoje a cuidar de mim.
- Aos meus irmãos: Antônio e Gracinha, pela presença amorosa, sinal visível do cuidado.
- Ao meu irmão no sacerdócio de Cristo Jesus: Dr. Pe. Marcos Antônio Alcântara pelas vezes em que fui destinatário do seu amor-cuidado.
- Ao estimado bispo de minha diocese de Ilhéus: Dom Mauro Montagnoli, pela terna e evangélica acolhida.
- Aos paroquianos da Paróquia Nossa Senhora da Escada, pela convivência.
- As Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Ação Fraternal em Itabuna, pela presença, expressão de amoroso cuidado.
- Aos (as) colegas e amigos (as) do mestrado que pela convivência tornaram-se amigos e amigas para sempre.
- Ao Pe. José Monteiro Filho e Paróquia de Santa Catarina de Alexandria - São Leopoldo – RS, pela acolhida amorosa, sinal de amor-cuidado.
- A EST – Escola Superior de Teologia, pela feliz oportunidade e possibilidade em fazer este mestrado.
- Por fim, à minha orientadora Profa. Dra. Karin Hellen Kepler Wondracek, pela competência e amorosa atenção, expressão do cuidado pastoral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
I – Cuidado Pastoral: O discurso da Fé e da Graça	09
1. Conceito de Cuidado Pastoral da Teologia Espiritual.....	09
1.1. Jesus de Nazaré: o Amor Ágape Traduzido em Cuidado pelo Bom Pastor	10
1.2. A Arte de Conduzir na Igreja Primitiva e na Patrística: A Escuta pela Experiência e pelo Testemunho	13
1.3. A Arte da Escuta e da Direção Espiritual no Monaquismo como Forma de Cuidado	17
1.4. Idade Média: Os Exponentes que Buscam a Verdade com Fundamentos de Amor ao Ser Humano.....	20
1.5. A Espiritualidade da Escuta e do Discernimento na Idade Moderna.....	22
1.5.1. Inácio de Loyola.....	23
1.5.2. Tereza de Ávila.....	24
1.5.3. São João da Cruz.....	26
1.5.4. Martinho Lutero.....	27
1.6. Cuidado Pastoral na Contemporaneidade.....	29
II- A Psicanálise como Ciência do Inconsciente da Clínica.....	32
2. O Século XX e o Paradigma da Psicanálise.....	32
2.1. O Conceito do Inconsciente na concepção Freudiana e Lacaniana.....	34
2.2. A Clínica Psicanalítica como “lugar” de demanda.....	37
2.3. O sujeito da Psicanálise e seus sintomas: “Penso onde não sou, sou onde não penso”.....	39
2.4 Transferência – Repetição – Cura.....	41
2.5 Pulsão de Vida e Pulsão de Morte.....	43
III – Aspectos Fundamentais de divergências e convergências entre o cuidado Pastoral e a Psicanálise: Apontando possíveis indicações e limites na acolhida de demanda de quem sofre.....	48
3.1. Deus sob o olhar da Teologia e Psicanálise.....	48
3.2. O Sofrimento Humano que faz discurso sob o olhar do cuidado Pastoral e da Clínica Psicanalítica.....	52
3.3. A Pessoa Humana Destinatária da Ética do Cuidado e da Ética Psicanalítica.....	54
3.4. O saber ouvir e bem dizer no Cuidado Pastoral na Clínica Psicanalítica.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

Cuidado Pastoral e Psicanálise: duas maneiras ou distintas ou complexas de acolher e compreender o ser humano. O primeiro, sob o olhar do discurso da fé e da graça a partir da fonte da revelação bíblica, tematizada e teorizada pela teologia espiritual e pelo *Depositum Fidei*, ou seja, o depósito da fé. A segunda, sob o olhar do discurso teórico nascido de uma experiência feita pelo mestre de Viena, Sigmund Freud e do ilustre francês Jacques Lacan, quando de seu retorno à Freud dá continuidade à sua teoria sistematizando-a a partir de outros princípios teóricos.

O Cuidado Pastoral é uma arte de continuação no tempo e no espaço da história o cuidado de Deus para com o ser humano, sua imagem e semelhança. A Psicanálise, um saber sobre o Inconsciente, advindo de uma prática, cujo método é a escuta manejada pelos verbos ouvir e interrogar não no sentido inquisitório, mas de uma maiêutica socrática, ou seja, um modo de “parir” saber, de parir conhecimentos.

Imbuído pela alegria do bom espírito que nos move a cuidar bem e a bem cuidar é que pretendemos abordar o nosso tema: “CUIDADO PASTORAL E PSICANÁLISE: UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE O DISCURSO DA FÉ E DA GRAÇA E A CIÊNCIA DO INCONSCIENTE E DA CLÍNICA”.

O presente trabalho tem, portanto, o objetivo de analisar os fundamentos e a prática do Cuidado Pastoral como “resposta” amorosa ao mandato do Mestre do cuidado, Jesus de Nazaré, como também apresentar alguns fundamentos da Psicanálise como ciência do Inconsciente e da Clínica a partir de aportes teóricos freudianos e lacanianos e depois pontuar uma possível relação entre estas duas formas de saber: a primeira, de um saber constituído advindo da fonte da revelação bíblica, tendo como atributos a fé e a graça, e a segunda, se constitui em saber do Inconsciente que nasce na clínica.

Nesse sentido, se norteará a partir de três eixos temáticos, que constitui também as três partes desta pesquisa. O “eixo” primeiro – sob o título de: “CUIDADO PASTORAL: O DISCURSO DA FÉ E DA GRAÇA” – cujo objetivo é conceituar o Cuidado Pastoral sob o olhar da teologia espiritual; apresentar Jesus de Nazaré como Aquele a quem o Pai confiou o cuidado libertador e salvífico. Em seguida, mostrar como na história do Cristianismo homens e mulheres imbuídos da fé e da graça fizeram a experiência da prática do cuidado pastoral, seja na Igreja Primitiva e no Período Patrístico pela escuta e pelo testemunho, seja no Período Monástico através da direção espiritual, tendo como lugar primordial os mosteiros, como

também na Idade Média, de modo especial pelos fundadores das ordens mendicantes , a exemplo de São Francisco de Assis, o Irmão das criaturas. Na Idade Moderna e Contemporânea a prática do cuidado pastoral passou pela escuta e pelo discernimento exercido por alguns expoentes da espiritualidade cristã: Inácio de Loyola, instituindo os retiros espirituais, fruto de sua própria experiência; Tereza de Ávila, por meio das fundações de mosteiros e conventos como lugar de ação e contemplação; João da Cruz na vivência de uma mística de caráter sponsal; Martinho Lutero, quando abraça a fé numa radical adesão a Jesus Cristo; e ainda através de alguns exemplos de cuidadores e cuidadoras do nosso tempo: Charles de Foucauld, tornando-se Irmão dos Pobres pela vivência de uma espiritualidade incarnada no meio dos pobres; Teilhard de Chardin pela busca de Deus através de um profundo mergulho no mistério de Cristo pela via da ciência; Madre Tereza de Calcutá, Irmã dos pobres dos pobres da Índia, além de Mahatma Gandhi, mesmo não sendo cristão, ensinou ao mundo a prática do amor-cuidado.

O objetivo do segundo eixo temático – com o seu título: “A PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA DO INCONSCIENTE E DA CLÍNICA”, é apresentar a partir de aportes teóricos, compreender e fundamentar a teoria psicanalítica como ciência do Inconsciente, objeto por excelência do discurso da psicanálise, suas estruturas e manifestações a partir de aportes teóricos em Freud e Lacan. Ainda apresentar a psicanálise como paradigma do século XX, trazendo clareza quanto ao conceito de Inconsciente, em seguida será abordado a clínica psicanalítica como “lugar” de demanda do sujeito e seus sintomas, movido pela transferência habitada entre a pulsão de morte e a pulsão de vida.

O terceiro e último eixo temático – “ASPECTOS FUNDAMENTAIS DE DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS ENTRE O CUIDADO PASTORAL E A PSICANÁLISE: APONTANDO POSSÍVEIS INDICAÇÕES E LIMITES NA ACOLHIDA DE DEMANDA DE QUEM SOFRE”. O ponto de partida de fundamentação teórica para estabelecer esta relação será apresentar a concepção de Deus sob o olhar da teologia e da psicanálise, em seguida discutir a questão do sofrimento humano que se faz discurso no cuidado pastoral e na clínica psicanalítica. Esse discurso que deve ser exteriorizando e ao mesmo tempo ouvido e “interrogado” por meio de uma ética, a ética do bem ouvir e do bem dizer.

1 - CUIDADO PASTORAL: O DISCURSO DA FÉ E DA GRAÇA

1. Conceito de Cuidado Pastoral na Teologia Espiritual

Sob o prisma da etimologia, que é o estudo da compreensão dos vocábulos e das regras de sua história, ou origem histórica do significado da palavra como também da filologia, que é o estudo da linguagem em fontes históricas escritas, o termo cuidado do latim *cogitatu* significa “reflexão, pensamento, atenção, precaução” ou ainda *cogitare* que significa “pensar”, “conceber”, “preparar”. Das funções mais físicas do agir, chegou-se ao agir do espírito. A expressão *agitare* a mente significa “mover no espírito”, caminhar no pensamento, direcionar ideias, andando com elas, deixar-se ser movido pelas ideias.¹

Em alemão há o verbo “*sorgen*” = cuidar e “*Sorge*” = cuidado. Dai o termo “*Seelsorge*” significando cuidador de alma ou pastor de alma.² Leonardo Boff afirma que em sua forma mais antiga, “*cura*” em latim se escrevia “*coera*” e era usada num contexto de relações de amor e de amizade.³

O termo pastoral vem de pastor que em grego “*poimen*” é aquele que dá de comer ou alimenta. No Antigo Testamento, o termo “*raah*” tem o mesmo significado no Salmo 23 “O Senhor é o meu pastor”.

*Cuidado significa, então, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Trata-se, como se depreende, de uma atitude fundamental. Cuidado implica um modo-de-ser mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude.*⁴ Neste sentido só podemos receber cuidado se cuidamos uns dos outros numa relação recíproca que nasce de um encontro e que aos poucos nos constitui como pessoas.

1. BALLARIN, Maria Luisa Gazabim Simões; CARVALHO, Fábio Bruno de; FERIGATO, Sabrina Helena, Os Diferentes Sentidos do Cuidado; Considerações sobre a Atenção em Saúde Mental, o Mundo da Saúde, São Paulo, n.34, p. 445, 2010.

2. SPRACHEN, Ernest Klett, Standardwörterbuch Portugiesisch, Pons, Stuttgart, 2007.

3. BOFF, Leonardo, Saber Cuidar, Petrópolis: Vozes, 1999, p. 33.

4. BOFF, l., Inclusão Social, Disponível em: Revista.Ibict.br,SP,2014. Acesso em: 29 Agosto, 2014.

Neste sentido Leonardo Boff expressa:

O que se opõe ao descuidado e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais do que um ato. É uma atitude. Portanto, abrange mais um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de preocupação, responsabilidade e de um envolvimento afetivo.⁵

Na Bíblia, não vamos encontrar de forma literal um conceito de “cuidado pastoral”, porém, há uma longa história na tradição da Igreja e fundamentação nas Escrituras. Na tradição cristã, o termo tornou-se clássico significando fundamento central no exercício do ministério pastoral. Esse cuidado é uma extensão do cuidado amoroso de Jesus de Nazaré que consiste no encontro, e, esse encontro é um acontecimento que passa pelo olhar, pelo conhecimento, pelo processo de interpretação, pela experiência da escuta marcada pelos altos e baixos da vida. É uma relação de reciprocidade, interação, que envolve afetividade, cuidado e amor.

1.1. Jesus de Nazaré: o amor Ágape traduzido em cuidado pelo Bom Pastor

O Cristianismo é por excelência uma religião revelada. Deus, na revelação presente na Sagrada Escritura se dá a conhecer e se revela ao ser humano. A criação é o cenário por excelência onde se desenvolve e acontece a história do amor entre dois parceiros: Deus e o ser humano, o primeiro, Criador, o segundo criatura; o primeiro, o Amante, o segundo, o amado. Com os nossos antepassados, Ele se comunica e com eles dialoga. Para os historiadores William Clebsch e Charles Jaekle: *O cuidado pastoral consiste de atos de ajuda realizados por representantes cristãos, voltados para curar, guiar e reconciliar as pessoas em dificuldades, cujos problemas emergem no contexto de preocupações e significados últimos.*⁶

5. BOFF, Leonardo, Saber Cuidar, Vozes, Petrópolis, RJ, 1999, p. 33.

6. Sathler-Rosa, R., Fundamentos do Cuidado Pastoral. Disponível em: Disponível em: <verticais.blogspot.com/2012/10.Acesso em: 29.agosto.2015.

Esta compreensão nasceu da própria experiência histórica da relação de Deus com a humanidade, nascida das “entranhas do seu amor”. É manifestação gratuita, e com ela a possibilidade de comunhão com Ele. *Pois esta é a razão pela qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: é para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo, assim, a filiação divina, se torne filho de Deus.*⁷

A oferta da comunhão com Deus é proposta para todos os homens e mulheres. Esta revelação que é manifestação do amor de Deus, experimentado na antiga aliança, se torna plena na encarnação de Jesus Cristo – Verbo Encarnado do Pai, enquanto revelação do seu mistério insondável e continua no tempo e no espaço na história; “*no já*” e no “*ainda não do seu reino*”. É à luz da revelação realizada pelo amoroso Verbo Divino que definitivamente é iluminado o mistério da pessoa humana. Só em Cristo Jesus, Verbo amoroso do Pai, a existência humana tem sentido:

A revelação não pode ser compreendida como comunicação a partir de cima de um saber fixado uma vez por todas. Designa, ao mesmo tempo, a ação de Deus na história e a experiência de fé do Povo de Deus que se traduz numa expressão interpretativa dessa ação.⁸

Pela encarnação o Verbo Divino assume em Jesus de Nazaré a história humana. A encarnação é o processo de divinização do homem e humanização de Deus na realidade de Jesus de Nazaré. A encarnação é o modo por excelência que Deus encontrou para cuidar da humanidade.⁹

A razão porque Deus se revelou à humanidade não é outra coisa senão sua bondade infinita e seu amor a todos os homens e mulheres. Jesus Cristo é a plenitude do amor. O Verbo que se fez carne (Jo 1.1) que desde sempre estava “escondido” no Pai, assume a realidade humana. A encarnação do Filho de Deus revela que Deus é o Pai eterno, e que o Filho é consubstancial ao Pai, isto é, que ele é no Pai e com o Pai o mesmo Deus único.¹⁰

Se na Antiga Aliança, Deus Pai, Criador de todas as coisas e ao mesmo tempo Libertador, manifestou o seu amor-cuidado por meio de homens e mulheres, na Nova Aliança, é Deus mesmo que se faz cuidado na pessoa do seu Filho Jesus.

7. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Petrópolis: Vozes, 1993, n. 1265. p.306.

8. LIBÂNIO, J. B., Teologia da Revelação a partir da Modernidade, Loyola, São Paulo, 1982. p. 17. O “já” e o “ainda não” do Reino significa Cristo que veio e que vem na medida em que realizamos os gestos concretos do Reino. O “ainda não” representa o que falta a ser plenificado pela humanidade mediante a graça de Deus.

9. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Petrópolis: Vozes, 1993, n. 461, p. 115.

10. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Petrópolis, Vozes, 1993, n. 262, p. 73.

Deus Pai, ao encarnar-se na pessoa de Jesus Cristo, elege o cuidado como forma sublime de manifestação de amor. Jesus de Nazaré, plenitude do amor e da graça do Pai, se faz *pontífice* por excelência entre o Pai e a humanidade. No pleno anúncio do Reino de Deus, Jesus, fazendo-se pobre, destaca os pobres como sendo os primeiros destinatários desse Reino: os pequenos, os distantes, os pecadores, os doentes, os sofredores. Jesus ao anunciar a boa nova do Reino, lembra que eles, os pobres, são os primeiros destinatários do amor libertador de Deus, pois vivem desprovidos das alegrias dos bens terrestres.¹¹

Um dos títulos que os evangelistas atribuem a Jesus é o de Pastor, ou melhor, o Bom Pastor. Em (Jo 10, 11-18) Jesus encarna o binômio de Bom Pastor. E qual é a missão do Bom Pastor? É a de cuidar bem das suas ovelhas. Aproximando e cuidando de maneira singular os mais fracos, os pobres, os pequeninos, os necessitados, pecadores e excluídos. O cuidado se impõe pelo olhar, pelo ouvir e pelo falar. Sua presença é sinal extraordinário da bondade e da ternura de Deus. A maneira de como Jesus de Nazaré cuidava das pessoas, desconstruiu algumas ideias sobre Deus presente no imaginário das lideranças e do povo do seu tempo; ideias de um Deus distante, moralista e perseguidor. A forma de como Jesus cuida das pessoas torna-se “revolucionária” e por isso provoca conflitos entre os grupos políticos e religiosos de seu tempo (Mc 2, 13-17; Mc 2, 7; Mc 3, 1-6). No tempo de Jesus era muito difícil separar o poder político do poder religioso. O poder político e o poder religioso promoviam divisões e ao mesmo tempo discriminava, perseguia e excluía. Diante do poder político e religioso, Jesus ungido pelo Espírito do Deus da vida, desencadeia um movimento nascido nas periferias da Galileia das “Nações”. Conhecedor da história de libertação do Povo de Deus na Antiga Aliança, conhecedor das promessas messiânicas, promessas de libertação e de salvação. A autoridade para falar, para ouvir e para curar não vem do poder político e nem do poder religioso. A sua autoridade vem do Pai com que nutre uma profunda relação íntima e amorosa (Lc 11, 1-13; Mt 14, 12-36). A sua forma de vivenciar o cuidado, como extensão do cuidado de Deus, trouxe-lhe muitas consequências: foi perseguido, caluniado, torturado e morto, mas Deus Pai, fonte do cuidado realizado por Jesus legitimou o testemunho do Filho, ressuscitando-o no terceiro dia. (Lc 24,6; Mt 28, 1-10).

Nesse cuidado sublime, Jesus mostra que os pobres participam das bênçãos celestes. Eles que são considerados no seu tempo como infelizes e amaldiçoados; Jesus vai lhes mostrar que são bem aventurados e que encontrarão as alegrias do Reino.

11. FELLER, Victor Galdino, O Deus da Revelação, Belo Horizonte, Loyola, 1988, p. 93.

Jesus vai escolher aqueles que estão à margem da sociedade para que façam parte do Reino: mulheres, crianças, doentes, sofredores, pecadores e distantes. Esta forma sublime de Deus agir se expressa nas palavras de Leonardo Boff quando diz: *Jesus de Nazaré revelou à humanidade o Deus -- Cuidado, experimentando Deus como Pai e Mãe divinos que cuida de cada cabelo de nossa cabeça, da comida dos pássaros, do sol e da Chuva para todos (Mateus 5, 45; Lucas 21, 18).*¹²

O Amor Ágape traduzido em cuidado pelo Bom Pastor se caracteriza numa peculiaridade extraordinária. O cuidado pastoral praticado pelo Bom Pastor começa na maioria das vezes pelo olhar amoroso, cheio de compaixão, ternura e misericórdia. Cuidado que na palavra usada por Santo Agostinho *Miseri – cor – dare* “dar o coração aos miseráveis” traduz o profundo sentido desse agir de Jesus. Assim foi com o cego *Bartimeu* (cf. Mc 10,46 – 52); o encontro com o *Leproso* (cf. Mt 8, 1 – 4); a *Mulher Hemorrágica* (cf. Mt 9, 20 – 22); o encontro com a *Mulher Samaritana* (cf. Jo 4, 7 – 42); a *Mulher Adúltera* (cf. Jo 8, 1 – 11); a *Ressurreição de Lázaro* (cf. Jo 11, 1 – 42). Jesus quando fala em parábolas, fundamenta o amor cuidado como princípio fundamental do ser, do viver e do agir humano. Entre essas parábolas apontamos a parábola do Filho Pródigo (Lc, 11-32) que revela o amor misericordioso do Pai pela humanidade. Amor que acolhe, que perdoa, que corrige para o bem, amor que salva e liberta. Na parábola do Bom Samaritano (Lc,10,29-37), mostra o cuidado como dimensão essencial do amor. Jesus de Nazaré é, portanto, o protótipo, o referencial por excelência do cuidado pastoral. É esse *amor cuidado* vivenciado por Jesus de Nazaré que será o maior ideal motivador a ser vivido pelos continuadores da obra do Senhor da messe na Igreja Primitiva e na Patrística, que veremos a seguir.

1.2. A Arte de Conduzir na Igreja Primitiva e na Patrística: A Escuta pela Experiência e pelo Testemunho

Jesus reúne em volta de si um grupo de doze homens que com ele convivem e com ele participam de sua missão. Missão que recebeu do Pai e que agora confere também aos seus discípulos o múnus de anunciar a mensagem libertadora e salvadora do Reino. A missão de Jesus é realizada na e por meio da autoridade que emana de Deus Pai. Autoridade que passa pelo amor-serviço. Nesse sentido, Jesus é por excelência o Servidor do Pai. A autoridade de

12. BOFF, 1999, p. 168. Na encarnação o Verbo assumiu a condição humana em sua totalidade, menos o pecado. Na Encarnação o Amor infinito de Deus recriou a humanidade desfigurada pelo pecado.

Jesus está exatamente no serviço prestado à comunidade (Mc 10, 42- 45), que se diferencia nitidamente do exercício do poder no mundo:

Chamando – os, Jesus lhes disse: ‘Sabeis que aqueles que vemos, governam as nações e as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.’¹³

A missão central da Comunidade dos Doze e de todos aqueles que vão aderindo à nova forma de viver a fé e a vida passa pela proclamação da Palavra de Deus (cf. Mt 10, 6 – 7) de acordo com o exemplo do próprio Mestre (Mc 1, 14 – 15; Jo 18, 20 – 21).

Uma atenção especial dá-se à descrição das primitivas (mais antigas) comunidades cristãs que surgiram depois da morte e ressurreição de Jesus, quando a primeira comunidade dos doze (que remonta ao próprio Jesus histórico), já não mais existia.

É precisamente nessas comunidades que cristãos de épocas posteriores, principalmente em momentos de crises e dificuldades, vão procurar sempre de novo – sua inspiração e motivação evangélica para purificar a comunidade cristã de seu tempo, fazendo – a retornar à genuína vivência da mensagem do Senhor Jesus. É, sobretudo, o livro Atos dos Apóstolos que nos fornece maiores informações sobre as comunidades da Igreja Primitiva.

A audácia da fé ressalta aos olhos dos grandes do mundo e diante das autoridades religiosas e políticas daquele tempo. Os primeiros cristãos não hesitam em afirmar corajosamente, que o Crucificado de Nazaré, condenado pelos poderosos que não entenderam a sua mensagem de amor, de libertação e de salvação, é o Messias anunciado pelos profetas, que tinha a missão de anunciar o amor e a justiça de Javé e a denunciar os sinais de morte presente na sociedade, contrários ao Projeto do Deus da vida. Na Igreja Primitiva a presença do Cristo Ressuscitado se faz por meio do Espírito Santo, a força do Amor entre Jesus e o Pai.¹⁴

Falar em cuidado pastoral na Igreja Primitiva pressupõe falar na diversidade dos ministérios, como serviço dedicado a todos.

13. A BÍBLIA SAGRADA, Versão dos Textos Originais, Lisboa, Difusora Bíblica, 1998, p. 1647. Neste texto usaremos apenas esta versão ou tradução da Bíblia Sagrada.

14. ANTONIASI, Alberto; CRISTIANI, HENRIQUE, Cristiani, Cristãos Vivendo em Comunidade, São Paulo, Paulinas, 1989, p. 01

Para Antoniazzi e Cristiani, os diversos ministérios ainda não estão claramente definidos, mas aos poucos começam a se destacar mais nitidamente as figuras do “apóstolo” (missionário - enviado para anunciar a Boa Nova da vida em outras regiões); do “profeta” (que fala ‘no Espírito’, interpreta a Palavra de Deus e pronuncia a “ação de graças” nas reuniões litúrgicas); do “doutor” (espécie de catequista que garante um ensino mais sistemático da religião, baseada na Escritura) e o “diácono”, que tem como função o cuidado dos pobres, órfãos e viúvas). Nas palavras de Antoniazzi e Cristiani:

As mulheres exercem papel ativo na vida dessas comunidades, como atestam os nomes de várias delas no Novo Testamento: At 21, 9, as quatro filhas de Filipe que profetizaram; Rm 16, 3 – 15, onde são mencionadas várias mulheres que tomavam parte ativa no apostolado de Paulo, de modo particular o casal Prisca e Áquila (curiosidade: é citado primeiro o nome da mulher). Quando o apóstolo Paulo usa a expressão “que muitos se afadigaram no Senhor”, ele quer dizer dizer concretamente que assumiram pesadas responsabilidades (cf. 1 Ts 5, 12; 1 Cor 16). Mesmo no culto cristão, as mulheres não ficam apenas num segundo plano (cf. 1 Cor 11,5), primeira parte do versículo, embora houvesse certa discricção (uso do véu, de acordo com a tradição judaica).¹⁵

O ponto central que anima e é o sentido da nova vida das comunidades cristãs na Igreja Primitiva é a Celebração da Eucaristia e a Partilha Fraternal dos Bens. A “*Fractio Panis*” a Fração do Pão, ou o “Partir do Pão” que tem normalmente lugar na casa de um dos cristãos e consta-se de uma celebração bem simples. A descrição mais antiga que possuímos está em 1 Cor 11, 23 – 26.

Os primeiros cristãos, de modo particular, os de Jerusalém, não pertenciam, via de regra à classe mais abastada da sociedade, como demonstram, aliás, as coletas que Paulo promove entre as comunidades da “Diáspora” (fora da Palestina), em favor dos “santos” (cf. Gl 2, 10; 1 Cor 16, 1; At 11, 29). O despojamento das riquezas, em benefício do irmão necessitado, é sinal eficaz do ser – cristão. Daí a severidade com que é julgada a fraude de Ananias e Safira (cf. At 5, 1 – 11). A vitalidade da Igreja dos primórdios podemos ainda saborear num belíssimo texto do fim do século II: A Carta de Diagoneto, onde é descrita a “vida dos cristãos”:

15. ANTONIASI, Alberto; CRISTIANI, Cristiani, 1989, p.01.

Não se distinguem dos demais homens, nem pela região, nem pela língua, nem costumes. Não habitam cidades à parte, não empregam idioma diverso dos outros, não levam gênero de vida extraordinário. (...). Seguem os costumes locais relativamente ao vestuário, à alimentação e ao restante estilo de viver (...). Moram na própria porém tudo suportam como estrangeiros. Toda terra estranha é pátria para eles. Casam-se como todos os homens, e, como todos, procriam, mas não rejeitam os filhos. A mesa é comum; não o leito. Estão na carne, mas não vivem segundo a carne. Se a vida deles decorre na terra a cidadania, contudo, está nos céus (...). Amam a todos, e por todos são perseguidos. Desconhecidos, são condenados. São mortos e com isso vivificam (...)¹⁶

Durante o segundo século, rapidamente foi se estabelecendo um novo modelo, síntese dos anteriores. Tinha como base de serviço três ministérios: Um bispo, considerado sucessor dos apóstolos e coordenador da Igreja local que presidia a Eucaristia e pregava a Palavra; um Conselho de presbíteros responsável por interpretar a Palavra de Deus, zelando pela doutrina e a organização da comunidade e um pequeno grupo de diáconos que estavam serviço do bispo e das obras de caridade da Igreja, de modo especial, cuidando dos órfãos, das viúvas e dos pobres (Atos 6, 7).¹⁷

Entre os séculos II e III, os cristãos são ainda pequenos grupos e não possuem templos. As casas dos irmãos cristãos, de modo especial os mais abastados, eram lugares onde aconteciam os encontros, reuniões e a celebração da Eucaristia. Os escravos e os pobres não tinham moradia para oferecer, mas participavam ativamente da vida das comunidades.

Segundo Antoniazzi e Cristiani entre as figuras humanas que na Patrística são ícones do cuidado pastoral estão Agostinho e Basílio Magno.

Agostinho assumiu a diocese de Hipona por trinta e cinco anos e com a ajuda de alguns presbíteros e diáconos. Realizava o ministério pastoral ou serviço pastoral vivendo todos em comunidades, com vida simples e pobre. Pela manhã Agostinho celebrava a eucaristia com a sua comunidade de presbíteros e alguns fiéis. Depois dedicava a manhã inteira no atendimento às pessoas, principalmente no tocante aos problemas comunitários e sociais como; brigas entre vizinhos, questões de herança e de divisão de terras. A tarde ia visitar os doentes e os órfãos e os pobres. Quando visitava mulheres levava consigo um presbítero, para evitar suspeitas.¹⁸

16. ANTONIASI, Alberto; CRISTIANI, Henrique, 1989, p.02.

17. ANTONIASI, Alberto; CRISTIANI, Henrique, 1989, p.02.

18. ANTONIASI, Alberto; CRISTIANI, Henrique, 1989, p.02.

Basílio Magno, nascido por volta de 330 na Capadócia, hoje a região central da Turquia. Em 370 sucedeu a Eusébio como bispo de Cesárea. Ai funda hospitais para doentes e vítimas de epidemias; hospedarias para viajantes, estrangeiros e pobres.

O período vivido pelos cristãos na patrística foi marcado pela continuação da vivência dos ideais das primeiras comunidades cristãs, ideais de justiça, de esperança e caridade. O legado teológico, espiritual e pastoral deixado pelos cristãos do período patrístico será a grande motivação para a vivência da arte da escuta e da direção espiritual como forma de cuidado pastoral no Monaquismo que pontuaremos a seguir.

1.3. A Arte da Escuta e da Direção Espiritual no Monaquismo como Forma de Cuidado

Pudemos observar até aqui que os três primeiros séculos do Cristianismo, a Igreja perseguida pelo Império Romano e enfrentando outras dificuldades de ordem doutrinárias, procurou sempre viver através do testemunho e da experiência o seguimento a Jesus Cristo.

Com o passar do tempo surge na Igreja uma nova configuração, um novo estilo de viver a fé cristã e será o ponto de partida teológico para o discurso harmonioso entre a criação e a salvação. Nas palavras de Francisco Catão:

Essa unidade dinâmica, entre a criação e a comunhão com Deus, constituía o fundamento do mundo cristão, na medida em que o desígnio salvador de Deus, anunciado na história de Israel e realizado em Jesus, presidiria, ao mesmo tempo, uma sociedade e uma cultura marcados pela prevalência da justiça e da solidariedade, e a comunidade cristã, caracterizadas pelas exigências do evangelho e pela vida no Espírito de Deus.¹⁹

É na acolhida e na vivência dessas exigências do evangelho que nasce a espiritualidade do seguimento a Jesus Cristo, o Filho do Deus Vivo.

A partir do século III, quando a Igreja deixou de ser perseguida pelo Império Romano, e passa a ser a religião oficial do próprio Império, foi configurada uma nova organização eclesiástica assaltada pelas classes dominantes da então sociedade. Aos poucos essa nova configuração eclesial e eclesiástica vai se distanciando do Ideal do Mestre Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Diante dessa realidade é preciso voltar ao “primeiro amor”, ao primeiro ideal, à primeira experiência evangélica original.

19. CATÃO, *Espiritualidade Cristã*, São Paulo, Paulinas, 2009, p. 64. Esta nova forma de vida se expressa pelo princípio: “Tudo era de todos”. E esse “tudo era de todos” se refletia no comportamento de todos.

É nesse contexto de recuperar a experiência evangélica original que nasce o Monaquismo, como bem expressa Paulo Afonso Butzke:

É a ida de Santo Antão, ou simplesmente Abbas Antônio, então um jovem de vinte Nanos, rico e abastado, para o deserto por volta de 285 d. C., que desencadeia um movimento que recebe o nome de Movimento Monástico ou Monaquismo.²⁰

Esta nova experiência de vida cristã consistia na ida de homens (anacoretas) ao deserto com o objetivo de viverem isolados (eremitas) ou mesmo viverem em pequenos grupos, pequenas comunidades separadas no mundo (cenobitas) a procura de uma vida verdadeiramente cristã. O ponto de partida dessa nova forma de viver a fé é a conversão, provocada pelo Batismo como sacramento da iniciação cristã. Assim esclarece Francisco Catão:

É o que se quer dizer quando se repete comumente que o monge nada mais do que o cristão que leva a sério o seu batismo, de entender o monacato como um segundo batismo ou uma segunda conversão.²¹

Agora a vida monástica torna-se singular na atualização na vivência do batismo como adesão radical a Jesus de Nazaré, constituindo elemento fundamental que, ao mesmo tempo, aproxima e diferencia essa nova maneira de viver a fé da simples vida cristã.

Ao lado da vivência batismal pautada pela conversão diária se encontra o trabalho como atividade indispensável dessa nova forma de vivência da fé. Os monges procuram atualizar na prática o que o apóstolo Paulo escreveu aos Tessalonicenses: “*Quem não quer trabalhar, também não deve comer*” (cf. 2 Ts 3, 10). Quanto a isso esclarece mais uma vez Francisco Catão:

Os verdadeiros monges são os que vivem do trabalho de suas mãos, repete toda a tradição monástica em vários tons, mas sempre com o mesmo refrão. A espiritualidade cristã é, antes de tudo, uma vida em que o trabalho desempenha papel fundamental de seguimento a Jesus, de liberdade interior e de dedicação à necessidade do próximo.²²

20. BUTZKE, Paulo Afonso, A Jornada da Alma pelo Deserto: Depressão no Monaquismo Primitivo, In: Sobras da Alma, Traumas de Tempos de Depressão, São Leopoldo, RS, 2012, p. 17.

21. CATÃO, 2009, p.06.

22. CATÃO, Francisco, 2009, p. 68

O terceiro aspecto que caracteriza a vida monástica era a vida em comunidade. Os primeiros eremitas e anacoretas mesmo vivendo sozinhos e isolados frequentemente procuravam se encontrar com a finalidade de partilhar as alegrias e as tristezas, o Pão da Palavra e o Pão da Eucaristia quando era possível e a própria experiência espiritual que iam fazendo ao longo da vida.

Por muitas vezes um monge eremita ou anacoreta ia ao encontro do outro – pedir orientação e conselho. Orientar e aconselhar a partir de um saber constituído é uma forma de cuidado. Assim Paulo Afonso Butzke citando Evágrio para saber “*quando um pensamento é bom ou ruim?*” afirma:

Seja porteiro de seu coração e não deixe nenhum pensamento entrar sem inquiri-lo. Interrogue cada pensamento e pergunte a ele: Você é dos nossos ou vem dos nossos Inimigos? E se ele é de casa, irá preenchê-lo de paz. Se ele é do inimigo, irá perturbá-lo com ira ou excitá-lo com um desejo.²³

O quarto elemento que unificava e harmonizava a vida no monaquismo era a oração e nesse sentido São Bento, o fundador e pai do monaquismo no Ocidente procurou aperfeiçoar com certa liberdade as regras de Pacômio e Basílio, unificando o grande princípio “*Ora et Labora*”. A unificação do trabalho com a oração constituiu a regra de ouro do monaquismo beneditino. Nas palavras de Danilo Mondoni os principais componentes da espiritualidade monástica que emergem da regra e da vida de Bento podem ser reunidos em torno da:

Escuta, oração, humildade e a figura do Abade: o monge é caracterizado como um homem em escuta... Ouvir os irmãos significa acolhê-los como são, estimá-los como um dom de Deus: A escuta de Deus realiza-se de modo eminente na acolhida de sua Palavra no coração. A escuta ao Abade é o momento privilegiado no qual se pode verificar e constituir a escuta de si, dos irmãos e de Deus. A oração é a opus Dei, a ocupação principal do monge através da lectio divina (leitura orante da Bíblia). A humildade é o fundamento e o sustentáculo da vida monástica, e a comunidade sob a direção do Abade é pensada como uma família em Cristo.²⁴

No tocante à escuta e à direção espiritual como manifestação de cuidado os monges tornaram-se peritos nesse ministério ou serviço evangélico como extensão da caridade de Jesus de Nazaré. Desse modo afirma Francisco Catão:

23. BUTZKE, Paulo Afonso, 2012, p. 21.

24. MONDONI, Danilo, Teologia da Espiritualidade Cristã, Loyola, São Paulo, 2000, pp. 41 – 42.

Dentre os elementos que se associaram ao monaquismo a assistência aos pobres aos e aos doentes e a educação acompanharam os mosteiros desde as origens. São obras de beneficência e de misericórdia. Características de todas as instituições cristãs. A estabilidade e a consagração se agregam ao núcleo conversão, trabalho, vida comum e oração. Já no século VI com Bento de Nursia (480 – 547) que está na origem das estruturas e ainda hoje existentes na vida religiosa.²⁵

A acolhida, a escuta e o amor serviço comportavam na vida dos monges e monjas uma dimensão bíblica à semelhança de Abraão que acolheu os três estrangeiros sob o carvalho de Mambré; a escuta de Eli que ajuda Samuel a discernir o chamado de Deus; ao amor – serviço de Maria, mãe de Jesus, que após concebê-lo na fé e no ventre, sobe as montanhas da Judéia para cuidar de Isabel; a sogra de Pedro, que após ser curada por Jesus se põe a servir a todos e ao próprio Jesus, o diácono por excelência do Pai que “*não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela humanidade*” (Mc 10, 45), carente de cuidado como forma de amor.

1.4. Idade Média: Os Exponentes que Buscam a Verdade como Fundamento de Amor ao Ser Humano.

Vimos que o longo período do monaquismo desde Evágrio, Antão, Pacômio, Basílio até São Bento, foi caracterizado por um constante retorno à experiência evangélica original sustentada pelos quatro pilares fundamentais da vida das primeiras comunidades cristãs: a escuta da Palavra, a vida em comunidade, o trabalho como serviço a todos e a oração comunitária.

Entre o Monaquismo que teve o seu início por volta do final do século III e o começo do século IV e a Idade Moderna, temos o período denominado pelos historiadores de Idade Média ou período medieval. Neste período temos alguns expoentes ou exemplos que procuraram fazer uma síntese teológica entre a fé e a vida; alguns pelo discurso teológico doutrinário, outros pela escuta e pelo testemunho de fidelidade a Jesus Cristo e aos pobres.

25. CATÃO, 2009, p. 70. Lembramos que a assistência ao povo, especialmente aos mais pobres não era apenas de ordem espiritual, mas também material.

Essa tentativa de síntese entre a fé e a vida, passou por Santo Agostinho (354-430) a partir de sua conversão ouvindo os sermões de Santo Ambrósio e depois como bispo de Hipona como vimos anteriormente no período patrístico, presente de maneira fulgurante em suas confissões que pode ser sintetizado em um de seus muitos pensamentos: *“Por conseguinte, não existiria, meu Deus, de modo nenhum existiria, se não estivésseis em mim. Ou antes, existiria eu se não estivesse em Vós, “de quem, por quem e em quem todas as coisas subsistem”? Assim é, Senhor, assim é.”*²⁶. Bernardo de Claraval (1090 -1153), monge de Cister na França, fundador desse grande Mosteiro de longa tradição. O mesmo procurou unir trabalho e vida comum, colocando Jesus Cristo no centro da experiência espiritual a partir de uma espiritualidade esponsal, ou seja, de uma união mística com Jesus. Quanto a isso lembra Catão: *“Bernardo é, talvez, o monge latino que mais amplamente tenha assimilado as tradições orientais, que punham no centro da vida monástica a intimidade com Jesus, na famosa oração do Nome de Jesus, praticada então na Ilha Monástica do Monte Athos.”*²⁷

Outra figura humana importante na Idade Média que de forma radical atualizou na própria vida um itinerário feito pautado pela vivência da pobreza, humildade, simplicidade e amor universal a Deus e as criaturas, é São Francisco de Assis (1182-1226). Leonardo Boff sintetiza de maneira singular a vida do Irmão Universal: *“Tudo em sua vida vem unido de extremo cuidado com a natureza, os animais, as aves e plantas, os pobres, especialmente com a sua amiga e cúmplice Clara de Assis”.*²⁸

A vida do Irmão de Assis, cantor da paz e da alegria, reagiu por meio da ternura e do vigor aos perigos e males que cercavam a sociedade de seu tempo que por muitas vezes e de muitos modos contaminaram o interior da Igreja na Idade Média. Segundo Danilo Mondoni Francisco valorizou mais:

[...] a primazia do humano sobre o institucional, o desprezo das riquezas que coisificam o ser humano, o valor do simples e do natural permite o artificialismo das necessidades de consumo, o despojamento de todo prestígio e hipocrisia para se voltar à verdade original, o amor à pobreza como fonte de liberdade interior, o amor a todo ser vivo, a paz internalizada como amor positivo e universal a todos os irmãos.²⁹

26. AGOSTINHO, Santo, Confissões, Os Pensadores, São Paulo, Nova Cultural, 1996, p. 38.

27. CATÃO, Francisco, 2009, p. 74

28. BOFF, 1999, p. 168.

29. MONDONI, Danilo, 2000, p. 52.

Ainda neste período outro expoente que buscou sintetizar a experiência espiritual cristã de fé e vida a partir dos fundamentos da filosofia e da teologia foi o “*doutor angélico*” Santo Tomás de Aquino (1225-1274), autor da Suma Teológica, que por muitos séculos influenciou o pensamento filosófico e teológico do Ocidente.

Segundo Catão, a *primeira formação de Tomás foi monástica, iniciada em Monte Cassino, onde bebeu das fontes vivenciais da tradição monástica mais antiga, porém mais tarde se fez dominicano em Nápoles.*³⁰ Depois toma o caminho da produção teológica em torno da dedicação à verdade. Sobre esta união do pensamento especulativo como manifestação do intelecto e da piedade ardente que consiste do desejo de Deus, Danilo Mondoni esclarece:

A contemplação representa o conhecimento mais perfeito de Deus e acontece através do véu da fé: é um ato do intelecto, é a percepção da verdade divina. Na hipótese de uma visão imediata de Deus, na qual a única luz do intelecto humano deveria ser um lume da glória de Deus comunicado momentaneamente ao ser humano. A pregação é uma continuação da contemplação, porque falar de Deus ainda é falar com Deus.³¹

Assim sendo, os fundamentos teológicos e espirituais contemplados e vivenciados no serviço à Deus e aos irmãos, especialmente com os mais pobres como manifestação de cuidado pastoral serão suportes para a vivência da espiritualidade da escuta e do discernimento espiritual na Idade Moderna.

1.5. A Espiritualidade da Escuta e do Discernimento Espiritualidade na Idade Moderna

A Idade Moderna é inaugurada sob o influxo e ação do Humanismo cristão, elemento fundamental do Renascimento que teve como expoente Erasmo de Roterdã e a Reforma motivada por Martinho Lutero. Assim expressa Danilo Mondini: *No humanismo o interesse se concentra no homem e na vida civil; de uma concepção teocêntrica, transcende a teológica, passa-se a uma concepção chamada de humanística, antropocêntrica e imanentista.*³²

Entre os vivenciadores da espiritualidade da escuta e do discernimento espiritual destacam-se Inácio de Loyola, Tereza de Ávila, João da Cruz e Martinho de Lutero.

30. CATÃO, Francisco, 2009, p. 74.

31. MONDONI, 2000, p. 53.

32. MONDONI, 2000, p. 58.

1.5.1. Inácio de Loyola

O ponto de partida da experiência espiritual de Inácio de Loyola é a sua própria vida pessoal. Até os vinte e seis anos de sua vida foi homem entregue às vaidades do mundo e da sociedade e muito se alegrava com o exercício das armas. Ainda no seu tempo era de grande prestígio social tornar-se cavaleiro no combate na guerra. Assim, estado ele numa fortaleza que os franceses combatiam. Dias depois foi gravemente ferido numa perna, quebrando-se toda, enquanto que a outra ficou bastante ferida.³³

Ficou longos dias em repouso e para passar o tempo pedia livros para ler. Entre esses livros caíram em suas mãos a *Vida de Cristo* e outro livro da vida dos santos em vernáculo. Na alternância da leitura de outros livros e na leitura da vida dos santos percebeu que havia também em seu interior uma alternância de sentimentos e pensamentos. Com isso chega à conclusão: Por que não realizar na própria vida o que fez São Francisco de Assis? O que fez São Domingos de Gusmão? É através da contemplação da vida dos santos que nasce com Inácio os chamados Exercícios Espirituais; caminho peculiar que leva Inácio a discernir o caminho do seguimento a Jesus Cristo.³⁴ Nas palavras de Catão: *O discernimento está no centro de sua espiritualidade. Dominou os Exercícios Espirituais que continuam presentes durante toda a sua vida, dedicada ao serviço da Igreja, em nome de Jesus.*³⁵

Inácio procurou a partir de sua própria experiência de escuta e de discernimento; escutar e ajudar a outras pessoas a encontrarem o caminho do discipulado e do apostolado de Jesus Mestre e Senhor para a maior glória de Deus. Novamente pontua Danilo Mondoni:

Ele tirou de sua própria conversão uma técnica de renovação interior em que os aspectos ascéticos têm um bom lugar. Trata-se de uma técnica psicológica, que depende do conhecimento da natureza humana e das necessidades interna dos dogmas, na qual, para elevar-se a Deus, a pessoa deve utilizar a imaginação, a sensibilidade e o raciocínio.³⁶

Os retiros inacianos são muitos importantes instrumentos de cuidado pastoral que em contribuíram e contribuem, para que os retirantes contemplando a Palavra de Deus possam contemplar também a história pessoal, movidos pelo dinamismo da fé e da graça, fonte de conversão, ou seja, de mudança de vida. Em Itaicí, município de Indaiatuba no estado de São Paulo existe o grande centro onde são oferecidos os exercícios inacianos.³⁷

33. biografias/santo-inacio-de-loyola. Disponível em: www.infoescola.com. Acesso em: 22 março.2015.

34. SANTO INÁCIO, Exercícios Espirituais, São Paulo, Loyola, 1985, p.5

35. 29. CATÃO, 2009, p. 79.

36. MONDONI, 2000, p. 62

37. Centro de Espiritualidade Inaciana (CEI-Itaicí) fica na Vila Kostka Itaicí de Indaiatuba - São Paulo. Disponível em: www.flickr.com/photos/wsantin/sets/72157626016964742. Acesso em: 23 de março de 2015.

1.5.2. Tereza de Ávila

Durante o século XVI, surgiu um novo tipo de vida religiosa consagrada, que melhor podia atender aos desafios da época, num contexto histórico de profundas mudanças culturais e conflitos políticos, desejos de reforma dentro da própria Igreja e contestações provocadas pela reforma protestante. É nesse contexto que surge Santa Tereza de Ávila, que une em si as alturas da mística com intensa obra de reformadora da vida contemplativa. *Nasce em Ávila (1515) na Espanha de uma família de vivência cristã. Entra para o Mosteiro Carmelitano da Encarnação. Após a entrada no mosteiro passa por um longo período doente e após a recuperação da saúde entra numa profunda crise existencial até a “conversão definitiva”.*³⁸

Ao lado dessa experiência espiritual, desenvolve o carisma de reformadora da Ordem Carmelita, fundando em toda a Europa dezenas de mosteiros com a ajuda e colaboração de São João da Cruz. Francisco Catão sintetiza a contribuição que Tereza de Ávila deu a reforma da Ordem Carmelitana na Espanha e em toda a Europa, como também o seu importante papel na história da espiritualidade na Idade Moderna quando diz: *Tereza percebeu a dimensão espiritual da vocação cristã e religiosa e se empenhou em articulá-la com o ensinamento da Igreja, a partir de sua própria experiência.*³⁹

38. MATOS, Henrique Cristiano José, Caminhando pela História da Igreja, Vol. II, Lutador, Belo Horizonte, 1995, p. 75

39. CATÃO, 2009, p. 17.

Entre as suas principais obras encontramos: “O Livro da Vida” (duas redações 1562 e 1565), uma autobiografia que relata as profundezas da vida íntima de união com Deus; “O Caminho da Perfeição” (duas redações 1566), sobre a formação orante de suas comunidades carmelitanas; e “Castelo Interior” ou “Moradas” (1577), descreve o processo evolutivo do mistério cristão na vida da pessoa.⁴⁰ Falando da importância da direção espiritual ou do cuidado pastoral na vida cristã Tereza exclama:

Em tudo há necessidade de experiência e de direção, porque, chegada a estes termos a Alma encontra muitas dificuldades e precisa ter com quem as tratar. Se, tendo buscado diretor e não o achar, creia que o Senhor não lhe faltará. Nunca me falou a mim, sendo eu quem sou. Com efeito, poucos mestres se encontram, creio eu, que tenham chegado à experiência de graças tão elevadas. Quando não a tem, são incapazes de ajudar a alma sem a inquietar e afligir.⁴¹

Ainda sobre a personalidade de Tereza de Ávila, Henrique Cristiano José Matos afirma: *Mostra-se uma mulher de fibra enfrenta as numerosas dificuldades com coragem e espírito de profunda fé. Antecipou em vários séculos a emancipação feminina, com seu estilo de ser, atos, palavras e escritos*⁴²

O texto bíblico inspirador do carisma original da ordem da Venerável Nossa Senhora do Monte Carmelo ou do Monte Carmelo se encontra em I Reis 19, 9 – 18. O Profeta Elias é conduzido ao Monte Horeb a fim de encontrar-se com Deus. No Horeb há manifestações de fenômenos da natureza como trovão, ventania, terremoto, mas Deus não estava em nenhum destes fenômenos, estava sim na brisa suave, no silêncio. Tereza também faz esta experiência do encontro com Deus por meio do silêncio, através de “uma conversa íntima em que a alma fala muitas vezes a sós com aquele de quem se sabe amada”. (Autobiografia 8, 5).

Neste sentido Mondoni expressa com clareza: *A espiritualidade teresiana é a espiritualidade da intimidade divina, porque procura alimentar o ideal da intimidade com Deus; tal finalidade atinge-se principalmente por meio da oração mental.*⁴³

40. MATOS, 1995, p. 76.

41. JESUS, Santa Tereza de, Livro da Vida, Paulinas, 1983, São Paulo, p. 350-351.

42. MATOS, 1995, p. 76,

43. MONDONI, 2000, p. 62.

Quando o Papa Paulo VI a declarou Doutora da Igreja Universal em 29 de setembro de 1970, exclamou:

Vemo-la aparecer diante de nós como uma mulher excepcional, como uma religiosa que, coberta inteiramente pelo véu da humildade, da penitência e da simplicidade, irradia à sua volta, a chama da sua vitalidade humana e do seu dinamismo espiritual. E depois como reformadora e fundadora de uma ordem religiosa insigne e histórica, escritora genialíssima e fecunda, mestre de vida espiritual, incomparável na contemplação e infatigável na ação. Como é grande e como é única, como é humana e como é atraente esta figura”.(Papa Paulo VI, 1970).⁴⁴

Os mosteiros fundados por Tereza de Ávila na Espanha, em muitos países da Europa como também na América, tornaram-se por excelência lugar de acolhida, silêncio, formação e escuta: sinais concretos de cuidado pastoral.⁴⁵

1.5.3. São João da Cruz

Na Espanha do século XVI, além de Tereza de Ávila, São João da Cruz procura unir numa total fidelidade à Igreja e um profundo mergulho na busca espiritual de Deus por meio de uma extraordinária experiência mística. João da Cruz é aquele que pela primeira vez e de modo genial encontra no livro Cântico dos Cânticos um texto inspirador para realizar em sua vida a extraordinária experiência mística, unir a sua amada alma ao amado que é Cristo. Segundo Mandoni João da Cruz:

Exprimiui sua mística em dois níveis: tradução de sua vida interior no plano lírico (poemas) por um jogo de símbolos; visão especulativa sobre a teologia mística mediante comentários de três de seus poemas. Sua mística é anti-intelectual ou ante racional, e, sobretudo mística da negação (niilismo vertiginoso): Deus é o absoluto e não pode ser medido pelo criado; a única preparação à união mística é uma atividade negativa de aniquilação (esvaziamento de todas as faculdades da alma; união à alma de Cristo).⁴⁶

João da Cruz pela via da negação desconstrói as ideias e os conceitos de Deus presentes nas religiões e ao mesmo tempo lembra que nem sempre pensamentos, sentimentos e emoções significam a presença de Deus.

44. MATOS, 1995, P. 78

45. casa-de-retiros.html.Disponível em: <carmelitasld.blogspot.com.br/p/. Acesso em: 23 de março de 2015.

46. MONDONI, 2000, p. 62

Para João da Cruz Deus está presente quando os sentidos dizem que não está. E não está presente quando os sentidos dizem que está. E completa Mondoni:

Esta mística de negação é, ao mesmo tempo, de obscuridade, e encontra sua expressão no simbolismo noturno. O termo “noite” resume a vida mística: esta é uma noite, pois significa renúncia à vida sensível (rejeição das imagens), o caminhar da fé, que é sempre obscuro ao entendimento, pois o caráter tenebroso faz parte de sua essência (lançar-se ao abismo da fé), e pelo fim para o qual caminhamos que é Deus mesmo ao terceiro sentido da noite, a união à alma de Cristo, não foi desenvolvido.⁴⁷

Em sua experiência de Deus, feita por meio da mística, João da Cruz faz uma perfeita síntese entre a teologia e a mística. Sobre a fé como graça que nos ajuda a conhecer as realidades à maneira de Deus, João da Cruz afirma: *A fé nos faz conhecer as realidades à maneira de Deus. Permitir que a fé aja em nós é deixar que Deus pense em nós. A esperança nos faz desejar as realidades que Deus deseja. Quando a esperança rege nossos anseios, é Deus que deseja em nós.*⁴⁸ Ele não só fez uma forte experiência de Deus, mas ajudou também a outros: os seus confrades e a todos aqueles que iam ao seu encontro a iniciar o caminho da aventura da fé no seguimento a Jesus Cristo. Esse ajudar os outros a encontrar Deus é uma forma também de cuidado pastoral

1.5.4. Martinho Lutero

A passagem da Idade Média para a Idade Moderna foi caracterizada por grandes mudanças. O fenômeno da Renascimento consiste num retorno às obras clássicas Gregas e Romanas. Alguns pensadores cristãos desejam fundamentar melhor a doutrina cristã, recorrendo às fontes do Cristianismo, de modo especial a Sagrada Escritura e o pensamento dos Santos Padres do período Patrístico, especialmente de Santo Agostinho.

Nesse momento histórico a Igreja Instituição se distancia da prática do “primeiro amor”, ou seja, do ideal vivido pelas primeiras comunidades cristãs, tornando-se poderosa, onde muitas vezes o poder falava mais alto. É esse o contexto em que o frei agostiniano de origem alemã, escreve e publica as 95 teses com fundamentação bíblica e teológica, criticando o modelo e prática eclesial da Igreja Instituição.⁴⁹

47. MONDONI, 2000, p. 66

48. 40. CRUZ, São João da, Um homem, um mestre, um santo, Paulinas, Paulinas, 1999, p. 44-45.

49. MATOS, 1995, p. 33 - 36.

Entre as questões teológicas, Lutero sinaliza uma das mais polêmicas – a relação entre fé e obra. Para Lutero a salvação da pessoa humana é um dom de Deus, inteiramente gratuito, concedido por misericórdia em Jesus Cristo, mediante o sacrifício da cruz.⁵⁰ Ainda segundo Lutero, ninguém pode, pelo seu próprio esforço pessoal, “merecer a redenção”, praticando “boas obras”. Neste sentido Lutero toma do pensamento de Agostinho a ideia de que é Deus quem concede à pessoa humana a graça de querer Dele a própria graça.⁵¹

Martinho Lutero está entre aqueles que fazem um retorno ao ideal primeiro a exemplo de Francisco e de Clara de Assis, estes dois permanecem na Igreja, outros rompem com a instituição e inauguram uma nova forma de seguimento a Jesus de Nazaré, conservando os ideais de uma espiritualidade do seguimento; Lutero percorre um novo caminho, tomando a Sagrada Escritura, especialmente os evangelhos e os “traduz” em exercícios espirituais, fazendo-os instrumentos de como se chegar a Deus. Sobre a compreensão do mistério de Cristo como forma de seguimento a Ele, Lutero afirma: *O mistério da humanidade de Cristo, o fato de Ele ter descido ao ponto de revestir. Se de carne humana, está além de toda compreensão humana.*⁵²

Lutero, mesmo tendo se afastado da Igreja Instituição, continuou tomando a Escritura como fonte fundamental, mas ao mesmo tempo valoriza a experiência e os escritos da Patrística. Sobre esta questão, Mondoni afirma: *A experiência espiritual do protestantismo não é a experiência de outra religião, mas a da Igreja do Ocidente, sua espiritualidade conserva elementos doutrinários, éticos, disciplinares e litúrgicos romanos.*⁵³

Quando Lutero reafirma a supremacia da fé sobre as obras, ele não quer negar a importância das obras, mas quer lembrar que as obras têm o seu valor e devem estar presentes na vida de quem mediante a graça da fé se identifica e se configura a Jesus Cristo, o Messias Bom e Justo. Para ilustrar esta premissa fundamental da experiência de Lutero Paulo Afonso Butzke afirma:

Lutero recebeu as formas fundamentais da espiritualidade medieval: meditatio, oratio, tentatio, sacramenta, caritas. Recebeu instrução sobre métodos de meditação de textos da Sagrada Escritura sobre como lutar contra as tentações, sobre como viver com os sete sacramentos, sobretudo com a eucaristia, sobre a vivência do amor, da fé e da solidariedade cristãs.⁵⁴

50. MATOS, 1995, p. 37

51. MATOS, 1995, p. 42

52. LUTERO, Martinho, frases-de-martinho-lutero, 2012/05/13. Disponível em:<wordpress.com>. Acesso em: 22 Nov. 2014

53. MONDONI, 2000, p.72

54. BUTZKE, Paulo Afonso, Aspectos de uma Espiritualidade Luterana para os nossos dias, Estudos Teológicos, V.43 n. 02, São Leopoldo, 2003, p. 104-120.

A espiritualidade da escuta e do discernimento espiritual é um sinal patente de cuidado pastoral presente na vida de Martinho Lutero, pois em sua busca pela verdade da fé como dom gratuito de Deus, sem negar a importância das obras, ajudou a muitos homens e mulheres a seguir Jesus Cristo, dom maior do Pai à humanidade.

1.6.Cuidado Pastoral na Contemporaneidade

Entre 1914 – 1917 e 1939 – 1945 explodiram a primeira e a segunda guerra mundiais contradizendo o discurso racional do progresso científico protagonizado na Idade Moderna. Após estes dois conflitos mundiais muda-se vertiginosamente o contexto social – político – econômico e religioso da sociedade. Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a Europa de modo especial foi afetada pela “depressão” econômica de 1927 nos Estados Unidos. Esse contexto histórico foi muito mais pontilhado por fatos históricos nas palavras de Danilo Mondoni:

O século XX foi marcado pelas grandes guerras, pela explosão da bomba atômica, chegada do ser humano à lua, exploração do espaço, descolonização e independência de muitos países, e pela divisão do mundo em blocos e em situações econômicas e culturais diferentes.⁵⁵

Na década de 60 do século passado a Igreja Católica abriu as portas para o mundo com a convocação do Concílio Vaticano II.⁵⁶

Na contemporaneidade o cultivo e vivência da espiritualidade é um dos grandes instrumentos que promove o cuidado pastoral. Esta espiritualidade acolhida e vivenciada é sustentada pelo sentimento de unidade e de comunhão eclesial que promove a vida em comunidade, desejo e ânsia pelo Absoluto, como forma de retorno às fontes vivenciais da vida cristã: Sagrada Escritura e Tradição e engajamento como modo de abertura ao mundo.

Após o Concílio Vaticano II nas conferências de Medellín e Puebla,⁵⁷ a Igreja faz a opção preferencial pelos jovens e pelos pobres como sujeitos evangelizadores e transformadores da realidade na América Latina.

55. MONDONI, 2000, p.75

56. O Concílio Vaticano II ocorreu entre 1962 - 1965 no pontificado do Papa João XXIII. Neste Concílio a Igreja Católica abriu as “portas” para o mundo.

57. Nestas duas Conferências a Igreja Católica procurou atualizar os princípios do Concílio Vaticano II.

Esta mudança foi tão patente que Mondoni sintetiza dizendo:

Nos anos de 1970, assistiu-se ao despertar religioso: descobriu-se o gratuito, o afetivo; ressurgiu a dimensão ritual e simbólica da existência humana; renasceu o gosto pela experiência espiritual e religiosa, a mística oriental, os êxtases, à volta à natureza e a ânsia de comunhão ecológica.⁵⁸

É neste contexto de mudança de época e de época de mudança que emerge a dimensão do cuidado e do cuidado pastoral como atualização de um “*cuidar especial de Deus*” concretizado por Jesus de Nazaré e continuado de modo singular na contemporaneidade.

Entre os muitos exemplos e figuras de cuidadores da contemporaneidade destacamos alguns: Charles de Foucauld (1858-1916), pertencente à nobreza alsaciana de Estrasburgo (França). Escolheu o caminho do seguimento de Jesus Cristo vivendo no meio dos pobres e não cristãos no norte da África. No Brasil existem alguns centros de cultivo desta espiritualidade dos Irmãozinhos e das Irmãzinhas de Jesus.⁵⁹ Comentando o Salmo 81 diz: “*Ocupemo-nos dos pobres porque têm necessidades de tudo e nos foram legados por Jesus não como irmãos, mas como Ele mesmo, para cuidar, alimentar, vestir, consolar, santificar, salvar, enfim, amar.*”⁶⁰

No mesmo período de Charles de Foucauld por uma via diferente de amor a Deus e ao próximo através de um saber científico, temos Teilhard de Chardin (1881-1955), que une fé e ciência a partir de estudos arqueológicos e antropológicos realizados na China e na África. Chegou à conclusão de que a espiritualidade é dinâmica e precisa promover o diálogo com o mundo e com a cultura. Afirmou que *a natureza é sagrada e que, após a encarnação nada é mais profano.*⁶¹

Em todos os tempos da história, Deus não deixa o seu povo sem respostas de amor e de caridade. No século XX um ícone desse amor e dessa caridade foi Madre Teresa de Calcutá (1910 - 1097) que como religiosa consagrada escolheu os pobres dos pobres de Deus como destinatários do seu amor ternura, expressão máximo do cuidado pastoral.

58. MONDONI, 2000, p. 75

59. Fraternidade Charles de Foucauld. Disponível em: <<https://ptbr.facebook.com.>> Acesso em: 23 mar de 2015.

60. ZUBIZARRETA, Ion Etchezarreta, Irmão Carlos de Foucauld, ao encontro dos mais abandonados. São Paulo, Loyola, 1999, p. 107.

61. MONDONI, 2000, p. 73.

Sobre Madre Teresa, Leonardo Boff testemunha:

Madre Tereza irradiou compaixão exemplar e cuidada caloroso para com os mais miseráveis dos pobres. Sua figura é uma atitude do bom samaritano que se verga sobre os caídos da estrada. Mais que os remédios, é essa atitude de cuidado essencial que cura e resgata a humanidade ferida.⁶²

Quando em 1979 ganhou o prêmio Nobel da Paz, exclamou: “*Aceito o prêmio em nome dos pobres...O prêmio é um reconhecimento do mundo dos pobres*”.⁶³

O Espírito de Deus sopra aonde quer. A força do seu amor atinge o coração de todos aqueles que desejam fazer de suas vidas um instrumento de amor e de bondade. Deus não escolhe cultura, religião, raça ou posição social. Mahatma Gandhi (1869-1948) é mais uma figura do século XX, de exemplo e testemunho do cuidado. Ele ensinou ao mundo por palavras e gestos o verdadeiro sentido da existência, libertando o povo indiano da dominação inglesa. Sobre Mahatma Gandhi Leonardo Boff esclarece:

Mahatma Gandhi deixou à humanidade este legado perene: é possível unir santidade pessoal a um empenho político libertador. Essa santidade pessoal fundada na paixão pela verdade e na opção pelos pacíficos, faz com que a política seja mais que um simples exercício de poder público; ela se transforma num cuidado amoroso para com a vida e num compromisso ético com o destino de todo o povo.⁶⁴

Até aqui fizemos uma fundamentação teórica acerca do cuidado pastoral, sua etimologia, seus conceitos na Sagrada Escritura e na teologia espiritual, cujo ponde de partida é Jesus Cristo, Verbo de Deus Encarnado, sinal por excelência do amor-cuidado. Depois, apresentamos alguns exemplos e testemunhos presentes na história do Cristianismo, de como tomaram o cuidado pastoral como extensão do cuidado de Deus no serviço amoroso às pessoas.

No próximo capítulo abordaremos os aspectos fundamentais da Psicanálise como ciência do Inconsciente e da clínica, suas estruturas e manifestações a partir de aportes teóricos e práticos em Freud e Lacan.

62. BOFF, 1999, p. 172.

63. BOFF, 1999, p. 171.

64. BOFF, 1999, p. 178.

II - A PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA DO INCONSCIENTE E DA CLÍNICA

No primeiro capítulo procuramos a partir de aportes teóricos, compreender e fundamentar o conceito e a prática do Cuidado Pastoral tomando o discurso da Fé e da Graça, tendo como ponto de partida uma fundamentação bíblica – teológico – espiritual.

Neste segundo capítulo faremos uma fundamentação teórica da Psicanálise como ciência do inconsciente e da clínica, suas estruturas e manifestações, a partir de aportes teóricos e práticos da própria teoria psicanalítica em Freud e Lacan. O objetivo desta fundamentação teórica é fazer uma possível relação com o Cuidado Pastoral, questão que já abordamos anteriormente.

2. O século XX e o Paradigma da Psicanálise

No Moderno Dicionário da Língua Portuguesa “Paradigma” significa: “*modelo*”, “*padrão*”. O termo é de origem grega “*paradeigma*” e corresponde a “*modelo*”, “*padrão*”. Conjunto de unidades suscetíveis de aparecerem num mesmo contexto, sendo portanto, comutáveis e mutuamente exclusivas.⁶⁵

Um dos primeiros teóricos a usar o termo “*paradigma*”, foi Ferdinand de Saussure na teoria do signo linguístico em sua relação ao conjunto de elementos que constitui a língua.

O paradigma seria o conjunto de elementos linguísticos que podem ocorrer no mesmo contexto ou ambiente. Os elementos são constituídos por outros que vão ocupar a mesma posição. Por exemplo, na gramática o verbo “cantar” serve de paradigma à primeira conjugação porque irá se flexionar em várias formas e outros verbos terminados em “ar” seguirão esse modelo.⁶⁶

O paradigma como conceito teórico é aplicado pelo físico e filósofo norte americano Thomas Samuel Kuhn. Para ele o paradigma consiste nas: *Realizações científicas que geram modelos que, por período mais ou menos longo e de modo mais ou menos explícito, orientam o desenvolvimento posterior das pesquisas exclusivamente na busca da solução para os problemas por elas suscitadas.*⁶⁷

65. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, São Paulo. Melhoramentos, 1988. p. 1548.

66. O que é Paradigma. Disponível em: <www.significados.com.br>. Acesso em: 29 jul. 2014

67. O que é Paradigma. Disponível em: <www.significados.com.br>. Acesso em: 29 jul. 2014.

Em cada momento da história um ou mais paradigmas surgem e se impõem como divisor de águas ou modelos, provocando no modo de ser de agir das pessoas, mudanças afetivas e efetivas, quantitativas e qualitativas, capazes de redimensionar o pensar e o agir da humanidade. Assim, temos:

A teoria geocêntrica de Ptolomeu, que afirmava ser a terra o centro do Universo, foi substituída por um novo modelo, a teoria heliocêntrica de Copérnico, que afirmava ser o sol o centro. A teoria da gravitação de Ptolomeu, que afirmava ser a terra o centro do universo, foi substituída por um novo modelo, a teoria heliocêntrica de Copérnico, que afirmava ser o sol o centro do universo. A teoria da gravitação de Newton que afirmava ser a gravidade uma força fundamental existente em todos os corpos. Essa teoria foi completamente modificada por um novo modelo explicativo, a teoria da relatividade geral de Einstein. Segundo esse novo modelo, a gravidade não seria uma característica dos corpos, mas das distorções do espaço – tempo local causado pelo peso das massas dos corpos.⁶⁸

Os séculos XVII e XVIII assistem à chamada “Revolução Intelectual”, de um lado o “Racionalismo de René Descartes,” nascido a partir de uma confirmação posterior de uma dúvida que se faz princípio: “*Cogito ergo sum*” = *penso, logo existo*;⁶⁹ do outro o “Empirismo” de John Locke, inaugurando uma nova forma de saber, o saber que passa pelos sentidos, pela experiência. Estas duas formas dialéticas de saber foram constituídos em paradigmas dos dois séculos.⁷⁰ O cenário do século XIX foi marcado pela emancipação e independência das ciências humanas e sociais como a psicologia, a pedagogia, a sociologia e a antropologia possibilitando assim uma maior compreensão do ser e do agir humano.

Entre os eventos, os fatos e acontecimentos do século XX, consideram-se como paradigmas a teoria da relatividade de Einstein, o surgimento da Física Quântica e o advento da Psicanálise de Freud. A psicanálise como um dos paradigmas do século XX inaugura um novo olhar sobre o sujeito humano, e o objeto fundamental desse novo olhar é o Inconsciente. Luiz Ernesto Cabral Pellanda sintetiza essa nova forma de olhar o sujeito humano:

Na medida em que a psicanálise se ocupa das motivações humanas, trazendo para o terreno científico a existência do inconsciente e seus derivados (seu modo de funcionar e influir no comportamento humano, torna-se a mais revolucionária das ciências do século XX, mudando radicalmente os paradigmas usados para o estudo do homem até a data, influenciando em todas as ciências que o tomam por objeto.⁷¹

68. KUHN, Thomas.,o-que-e-paradigma-segundo.Disponível:
em<<http://filosofonet.wordpress.com/2012/07/02/>>.Acesso em:29 jul.2014.

69. MONDIN, Batista, Curso de Filosofia, São Paulo, Paulinas, 1986, p. 62.

70. MONDIN, Batista, 1986, p. 102

71. PELLANDA, Luiz Ernesto Cabral, Psicanálise Hoje: Ainda uma Revolução? In: Psicanálise Hoje, Petrópolis, Vozes, 1996, p. 27

O médico de Viena no atendimento dos seus pacientes vai percebendo que quanto mais interagia com os mesmos por meio da escuta, alguns iam dando sinais de melhora. Em outros era mais difícil produzir alívio e por isso recorre à hipnose. Em outros os dois métodos não funcionam, então ele parte para a análise do inconsciente. Assim, surge a psicanálise.

A psicanálise descoberta por Freud subverte todas as formas de cuidar da dor e do sofrimento humano como também de conceber o homem e a mulher, ou seja, o ser humano. As palavras de Muniz Resende são esclarecedoras:

O vértice psicanalítico, desse ponto de vista, não é cartesiano. Não é luminosidade da ideias claras e distintas. E aqui está, a meu ver, uma mostra da revolução psicanalítica em relação à própria concepção de ciência. A psicanálise propõe à filosofia uma revolução permanente ao sugerir que se “apaguem as luzes”. Lá onde a filosofia das luzes, o Iluminismo, manda acendê-las, Bion sugere, depois de Freud, que lancemos sobre os objetos, um facho de escuridão.⁷²

Se o inconsciente está para a psicanálise o que o sol está para o dia e a lua para a noite, veremos a seguir o conceito de inconsciente na concepção de Freud e de Lacan.

2.1. O Conceito de Inconsciente na concepção freudiana e lacaniana

Na historiografia científica Freud não foi o primeiro pensador a falar da existência de uma realidade existente além da consciência, ou seja, além do consciente, porém, foi ele, que olhando e escutando seus inúmeros pacientes, que acabou por fazer dele, o inconsciente, o principal conceito de sua doutrina, dando-lhe uma significação diferente da que fora atribuída anteriormente.

A singularidade de Freud consistiu, como médico e pensador, fazer um corte entre a medicina e a psicologia na descoberta do inconsciente, afirmando a particularidade de ser ao mesmo tempo “interno” ao sujeito e “externo” a qualquer forma de dominação pelo pensamento consciente.

Freud se distancia do princípio racional de Descartes do “cogito ergo sum”, (penso, logo existo), o lugar da razão e da consciência, postulando uma ideia dualista entre o corpo e a mente. Assim, afirma Freud:

72. RESENDE, Muniz A., Bion e o Futuro da Psicanálise, Campinas: Papyrus, 1993, p. 31.

Podemos ir além e afirmar, em apoio da existência de um estado psíquico inconsciente que, em um dado momento qualquer o conteúdo da consciência é muito pequeno, de modo que a maior parte do que chamamos conhecimento consciente deve permanecer, por considerável período de tempo num estado de latência, isto é, deve estar psiquicamente. Quando todas as nossas lembranças latentes são levadas consideração, fica totalmente incompreensível que a existência do inconsciente possa ser negada.⁷³

Freud, levado por sua própria prática clínica, toma uma posição de confrontação com a medicina, como de conformação com a psicologia introspectiva da época. Aqui, alguns questionamentos são levados em consideração: Como pode haver uma memória que seja inconsciente? Como pode ser possível que o pensamento seja inconsciente?

Nos textos metapsicológicos escritos em 1915, Freud caracteriza e diferencia consciente, pré-consciente e inconsciente e as relações entre eles. Consciência e pré-consciência supõem representações de palavras, enquanto que no inconsciente há representação de coisas. Escreve Freud:

A apresentação consciente abrange a representação da coisa, mas a representação da palavra que pertence a ela ao passo que a representação inconsciente é a representação da coisa apenas. O sistema Ics contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema Pcs ocorre quando essa representação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as representações da palavra que lhe correspondem.⁷⁴

Até 1915, o inconsciente era concebido por Freud como instituído pelo recalque, e seu conteúdo era assimilado ao recalcado, excetuando este dado extra individual: “o núcleo do inconsciente”, fundamento da fantasia originária, articulado com a hipótese filogenética.

Com o artigo de 1915, Inconsciente, a ideia sobre o inconsciente muda de forma radical, estabelecendo as linhas gerais da segunda tópica. Tudo o que é recalcado, tem necessariamente, que permanecer inconsciente, embora o recalque não abranja tudo o que é inconsciente. O recalcado é uma parte ou dimensão do inconsciente. Segundo Roudinesco:

A sequência desse artigo é um guia para quem quer conhecer os conteúdos genéricos e as leis funcionamento do inconsciente, entendendo-se que somente o tratamento psicanalítico, na medida em que permite, uma vez superadas as resistências, uma transposição ou uma tradução do inconsciente em consciente, pode levar o sujeito a tomar conhecimento dos elementos do subconsciente.⁷⁵

73. FREUD, S., *Neurose e Psicose*, (1924), Edição Standard Brasileira. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1876, p. 192.

74. FREUD, S., *Textos Metapsicológicos*, Edição Standard Rio de Janeiro, Imago, Vol. XIV, 1974, p. 230.

75. 42. ROUDINESCO, Elizabeth, *Dicionário de Psicanálise*, Ed. Jorge Zahar, RJ, 1998, p. 377.

O inconsciente não é a realidade mais profunda, nem o mais instintivo, nem o mais tumultuado, nem o menos lógico, mas uma outra estrutura, diferente da consciência, mas igualmente inteligível. Segundo Gustavo Etkin:

O inconsciente não é nenhum depósito onde estaria o irracional, as pulsões selvagens uma força informal que está prestes a sair, contida pela consciência. No inconsciente também há uma organização e até a própria energia inconsciente, as próprias pulsões inconscientes também são representações organizadas. Freud define essas pulsões, essa energia que vai unir as representações de coisas, que estão no inconsciente, como “representações psíquicas de excitações somáticas”, o que quer dizer também essa energia que para ele era necessária na teoria para justificar as relações entre representações, essa mesma energia, por sua vez, é uma representação.⁷⁶

O inconsciente na concepção freudiana jamais poderá ser visto como uma substância de caráter espiritual, como também um lugar onde residem forças misteriosas. Garcia Roza esclarece: *Ele é uma lei de articulação e não a coisa ou o lugar onde essa articulação se dá. O que define, portanto, o inconsciente não são os seus conteúdos, mas o modo segundo o qual ele opera, impondo a esses conteúdos uma determinada forma.*⁷⁷

O inconsciente, sendo uma lei de articulação, ela é o “lugar” psíquico onde a abordagem da pulsão se inscreve em termos de manifestação da falta e da não realização numa abordagem do inconsciente. Quando falamos em manifestação de falta em psicanálise, remetemos a Lacan que de maneira singular faz o seu retorno à Freud. Lacan unifica o seu conceito de inconsciente no seu retorno a Freud, porém amplia esse conceito aplicando dois termos: o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Lacan para fundamentar o conceito de significante recorre a muitas fontes de pensamentos. Garcia Roza citando Lacan afirma:

Antes mesmo de se estabelecer relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte que se dispõem em temas de oposição. A natureza fornece, para dizer o termo significante, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas. Eles dão as estruturas e as modelam.⁷⁸

76. ETKIN, E. GUSTAVO, Uma Introdução à Lacan, Mateus Editora, Salvador, 1996, p. 12

77. GARCIA ROZA, L. Alfredo, Freud e o Inconsciente, Jorge Zahar, RJ, 1986, p. 175

78. LACAN, J., apud, Garcia Roza, 1999, p. 108.

Na compreensão de Garcia – Rosa o que Lacan propõe é que a linguagem não seja fornecida pela natureza, mas que forneça oposições significantes que são o seu suporte. Nesse sentido essas oposições vão se constituir através dos “*Vorstellungen*” que em alemão significa representação. Para Antônio Quinet:

Lacan retomou a teoria freudiana inteira a partir do conceito de sujeito do significante e do conceito fundamental de repetição. Como isso se verifica? Nas coisas, cenas ou palavras que retornam ao sujeito marcando sua vida, pois são representações inconscientes que se repetem sem cessar.⁷⁹

Tomando os termos *sujeito, representações, significantes e repetição*, tão presentes na *clínica psicanalítica* que fundamentaremos a seguir como “lugar” de demanda.

2.2. A Clínica Psicanalítica como “lugar” de demanda.

Qual é o alcance clínico e ético da experiência que a psicanálise oferece em ou como resposta à demanda de quem sofre?

Há mais de cem anos, muitos que sofrem na alma e no corpo, dirigem à psicanálise uma demanda de alívio, de melhora ou de cura.

O protagonista da clínica psicanalítica é o sujeito da demanda ou o sujeito que demanda. E o sujeito dessa demanda é movido pelo desejo diante de um dos postulados da psicanálise que diz respeito à estrutura do sujeito que se organiza a partir de um furo, de um objeto perdido, de uma falta sempre presente.

Nesse sentido, dizemos que a experiência da psicanálise começa com o mal-estar, a dor, o sofrimento, o sintoma que se transforma em queixa ou demanda. Essa queixa ou demanda se manifesta em várias formas de sofrimento, cujos enunciados desse próprio sofrimento se conjugam em todos os tempos verbais que segundo Dominique Fingermann: *Eu fui, mas já era, ..., eu sou, mas não sou o que poderia ser ou deveria ser; isto não sou eu; eu sou, mas não tenho; tenho, mas não sou.*⁸⁰

79. QUINET, Antônio, *A Descoberta do Inconsciente*, Jorge Zahar, RJ, 2002, p. 89

80. FRIGERMANN, Dominique, *A Psicoterapia Reconduz ao Pior? A Demanda e o Ato*. In: *O Ato Analítico*, Associação, Salvador, 2003, p. 28.

Essa demanda é o ponto de partida e o princípio operador de um processo analítico de quem procura a psicanálise, de quem procura um psicanalista. Nesse processo, o analista recebe a queixa e inaugura assim a cena chamada de neurose de transferência, na qual o paciente irá elaborar um saber sobre o seu sintoma, sobre aquilo que lhe faz sofrer em direção à cura. Para Quinet na demanda:

A qual não visa a um objeto, e sim ao outro a quem dirijo a minha fala: ela é um apelo ao outro. O que caracteriza a demanda não é apenas a relação de um sujeito com outro sujeito, mas o fato de que essa relação se dá por intermédio da linguagem através do sistema de significantes.⁸¹

Assim, podemos dizer, parafraseando o evangelista João (Jo 1.1), nessa relação que o sintoma se fez palavra, se fez discurso e habitou entre o analisando e o analista, pois:

A demanda se encontra em tudo que o analisando diz, qualquer que sejam seus ditos eles tomam forma de uma demanda. A demanda é, portanto, a própria cadeia de significantes que se dirige ao outro, como o lugar de significantes (A), o lugar do código, de onde virá a resposta trazendo ao sujeito sua própria mensagem de forma invertida, sob a forma de significado ao outro (s (A)). Ao situar o analista no lugar do outro, o analisando, com sua fala – demanda, espera dele receber a interpretação que diga o sentido do que ele está sendo. A fala do analisando é, em si, demanda de interpretação, demanda de sentido, demanda de saber.⁸²

Essa demanda de saber na clínica psicanalítica pressupõe no começo do processo analítico um saber não sabido, porque é da ordem do inconsciente. Porém, no decorrer do processo o sujeito analisando movido pelo desejo de saber ou de amor ao saber e por isso Lacan vai dizer que *“toda demanda é demanda de amor ao saber”*, entrará em análise, sustentado pela transferência, tema que será abordando mais a frente.

81. QUINET, 2002, p. 89.

82. QUINET, 2002, p. 89.

2.3. O Sujeito da Psicanálise e seus Sintomas: “Penso onde não sou, sou onde não penso”.

A partir da Idade Moderna, com o pensamento filosófico de René Descartes e Emanuel Kant, é atribuído ao indivíduo, à pessoa humana o conceito de sujeito. O que caracteriza a pessoa humana, enquanto sujeito, são os seus próprios pensamentos, sentimentos, ideias, atos, portanto, sua subjetividade. Essa subjetividade consiste no que ele representa de universal e singular. Segundo o Dicionário de psicanálise:

O termo sujeito, corrente em psicologia, filosofia e lógica é empregado para designar ora um indivíduo como alguém que é simultaneamente observado dos outros e observado por eles, ora uma instância com a qual é relacionado um predicado ou um atributo.⁸³

O sujeito, na concepção filosófica moderna é definido como o sujeito do conhecimento do direito ou da consciência, seja de ordem moral, empírica, transcendental ou fenomênica. Descartes em seu *Discurso sobre o Método*,⁸⁴ inaugura com o seu “*cogito ergo sum*” (“penso, logo existo”) uma nova concepção sobre o sujeito humano. Ele é o primeiro pensador a trazer o lugar do sujeito, o lugar da ciência.

Trabalhando aqui o conceito de sujeito e pontuando a questão dos sintomas a partir do “*penso onde não sou, sou onde não penso*”, admitimos dois cogitos: o primeiro, cartesiano, racional, do pensamento; o segundo, freudiano, e porque não dizer também lacaniano. No primeiro, Descartes apresenta o eu como lugar da verdade, que traz o eu como uma entidade original.

De o cogito de Descartes: “*penso, logo sou*”; o cogito freudiano e lacaniano: “*penso onde não sou, logo sou onde não penso*”⁸⁵ nos mostra verdadeiramente o lugar do ocultamento. A realidade subjetiva presente no cogito cartesiano é completamente diferente do cogito freudiano. Com Freud, a questão do sujeito sofre um deslocamento radical.

Antes de Freud o sujeito se identifica com a consciência; a partir de Freud há uma pergunta que passa a ser feita: Como o sujeito do inconsciente se articula com o sujeito consciente? O sujeito freudiano é o sujeito do inconsciente, constituído por representações. Noga Wine falando que o sujeito é a passagem do devir a ser a partir da concepção de sujeito em Lacan quando faz o seu retorno a Freud exclama:

83. ROUDINESCO, 1999, p. 742.

84. DESCARTES, René, *Discurso do Método, Os Pensadores*, São Cultural, 1990, p. 65.

85. LACAN, J. *Escritos, Campo Freudiano do Brasil*, Jorge Zahar, RJ, 1998, p. 521

Esse retorno que Lacan faz não se restringe ao nível teórico e tem sua consequência na clínica, redimensionando a psicanálise como praxe. O novo estatuto que o sujeito do inconsciente ganha com as formulações da segunda tópica se deve ao fato de que a conceituação da pulsão passa ao primeiro plano da teoria. No curso do desenvolvimento da primeira tópica, Freud tinha descoberto a sobredeterminação que reina no inconsciente estruturado. Relendo-se a segunda tópica, descobre-se que aquilo que é a causa e o fator determinante de tudo que está sobredeterminado no inconsciente é que impulsiona de uma exterioridade do inconsciente, a pulsão e sua economia energética.⁸⁶

Aqui é importante pontuar outra questão que é a distinção entre o eu e o sujeito. No projeto de 1895, uma das preocupações de Freud, era mostrar que o ego do qual ele está falando não é um sujeito. Aqui é importante lembrar que não podemos pensar que o sujeito e o eu em Freud constituem a mesma realidade.

Como não podemos pensar que o sujeito e o eu em Freud não constitui a mesma realidade, dizemos também que para a psicanálise o sujeito não se confunde com a organismo – este que amadurece, em função do desenvolvimento de suas funções corpóreas, neurológicas etc. É que, segundo algumas teorias, estruturaria o seu psiquismo de forma espontânea e natural, se o seu aparato biológico se encontrar “íntegro”.

Para a psicanálise, a biologia é condição necessária, claro, mas insuficiente para a estruturação do psiquismo humano. Acredita-se que o psiquismo humano (que é “aparelho” de linguagem) só se organiza na presença de outro “aparelho” psíquico; em outras palavras, não se desenvolve naturalmente, numa sucessão de etapas predeterminadas,

Voltando à questão do conceito de sujeito, dizemos que também Lacan em 1950 e 1965, fundamentou o conceito lógico e filosófico ao sujeito no âmbito de sua teoria do significante, transformando o sujeito, que antes era da consciência, num sujeito do inconsciente, seguindo a concepção de Freud. Nas palavras esclarecedoras de Antônio Quinet:

A distinção entre o eu e o sujeito é difícil de apreender, na medida em que este escapa à percepção e à intuição, tendo sido necessário a Lacan promover o retorno à Freud e elaborar uma teoria que encontra seu suporte em outras disciplinas, que vão da linguística à matemática, para formalizar que sujeito é esse do inconsciente. No ego, nosso bem presente ego cartesiano como vimos anteriormente, diz: penso, logo sou. Eu me defino pelo que estou falando, pelo que estou pensando, pela minha imagem corporal, mas isso não me diz que sou. Esse eu do pensamento consciente e do corpo não se confunde com o sujeito do desejo do inconsciente. O Ich, que se encontra nos termos freudianos, se refere em alguns textos ao eu e, em outros, ao sujeito (como no caso da *Ichspaltung*). O eu da consciência se sobrepõe ao sujeito, barrando-o e escamoteando-o:⁸⁷

EU
§

86. WINE, Noga. Pulsão e Inconsciente, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 146.

87. QUINET, 2002, p. 28

Em *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*,⁸⁸ de 1960, Lacan diz que: “*Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante*”. Esse sujeito para Lacan, segundo Antônio Quinet em “A Descoberta do Inconsciente”, citado anteriormente, está submetido ao processo de clivagem (do eu).

O sujeito na concepção psicanalítica recebe na teoria freudiana uma nova significação que o torna irredutível a qualquer espaço teórico que não seja o psicanalítico. A questão do sujeito na relação do saber e da verdade se torna mais esclarecida nas palavras da psicanalista Joana Souza:

Entendemos que há uma especificidade na psicanálise no que tange à questão do saber e da verdade. O saber para a psicanálise está do lado do sujeito do inconsciente, sendo que o acesso a ele vai depender de um trabalho analítico que segundo Elias (2010), se realiza através de um determinado método – a psicanálise – e requer uma função operante – a do psicanalista. A experiência psicanalítica seria, portanto, a via pela qual esse saber que na verdade é não sabido, ou seja, inconsciente, pode ser acessado pelo sujeito. A experiência psicanalítica traz de volta o sujeito foracluído pela ciência à medida que o convoca a dizer tudo o que lhe vier à mente. É a fala do sujeito que lhe indicará o caminho de acesso ao saber inconsciente, pois é no campo da linguagem e, portanto o simbólico que o sujeito do inconsciente se constitui.⁸⁹

Nesse sentido o saber do sujeito sobre o seu sintoma contemplado neste tópico com o “*penso onde não sou, sou onde não penso*”, passa necessariamente pelo caminho do discurso do analisando, da palavra do analisando direcionado ao analista. Nesses dois instrumentos ou elementos que fazem parte do caminho percorrido pelo analisando na clínica psicanalítica em direção à cura são a transferência e a repetição que veremos a seguir.

2.4 Transferência – Repetição – Cura

A transferência é um termo específico da teoria psicanalítica, porém, ela já foi objeto de pesquisa e de estudo por alguns teóricos anteriores a Freud. A transferência fora do âmbito da psicanálise pode ser vivenciada entre médico e pacientes, entre professor e aluno, pois é compreensivo que tanto para o paciente quanto para o aluno, o saber em evidência sobre a sua doença e sobre a sua ignorância está do lado do médico no primeiro caso, quanto ao lado do professor no segundo caso.

88. LACAN, Jacques, *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*, Escritos, RJ, Jorge Zahar, 1988, p. 807.

89. SOUZA, Joana, *O Sujeito da Psicanálise*.01/03/2014.Disponível em:< <http://saberdesi>>.Acesso em: 21 jul.2014

É a partir dos *Estudos sobre a Histeria* (1895),⁹⁰ que Freud quer lembrar que a transferência não nasce do trabalho analítico, mas que ela vem acompanhada do paciente e consiste não em obstáculo, mas como ferramenta indispensável na arte da escuta psicanalítica, ou seja, no dispositivo analítico.

Neste lugar constituído para a escuta é estabelecido um pacto, uma aliança entre o analisando e o analista. O analisando é chamado a fazer “memória histórica”, fazer emergir lembranças conscientes e inconscientes através de repetições em seu momento presente. Ele é convidado num clima de confiança e liberdade promovido pelo analista a falar “tudo” que lhe vier à cabeça. Falando em transferência e repetição é a partir de 1914 com o texto: “Recordar, Repetir e Elaborar” (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise II) (1914), que Freud atento à sua escuta volta a sua atenção para esse novo mecanismo que passa ser o ponto de partida e referencial importante da prática analítica, ou seja, da prática clínica. Garcia Roza analisando o pensamento de Lacan observa:

que a afirmação segundo a qual a transferência é uma repetição tornou-se lugar comum, e que embora a repetição esteja presente na transferência, e que foi a propósito desta última que Freud abordou o tema da repetição, “o conceito de repetição nada tem a ver com o de transferência”. “Isso significa que se na transferência dá-se uma repetição de protótipos infantis, essa repetição não é uma reprodução de situações reais vividas pelo paciente, mas equivalentes simbólicos do desejo inconsciente.” O que se repete, faz-se num ato que só toma sentido em relação ao analista, o que implicaria, pelos menos, que fizéssemos uma distinção entre “repetição do mesmo” e “repetição diferencial”. Se transferência é repetição, ela é uma repetição diferencial, e somente sob este aspecto a repetição toma um sentido positivo e pode constituir-se como um instrumento no sentido da cura.⁹¹

Voltando à questão do pacto que é firmado entre o analista e o analisando, é indispensável que o analista possibilite ao analisando no final das entrevistas preliminares assinada por Freud, qual é o ponto de partida desta caminhada e se ele está realmente disposto a percorrer. Instaurado o pacto perguntamos: Qual o papel do analista nesse processo? O ponto de partida é a conjugação entre neutralidade e desejo. Antônio Quinet lembra que:

O “desejo do analista” é um conceito inventado por Lacan, que não se encontramos em Freud para designar o desejo que move alguém em análise – particularmente no período do final de análise – a tornar-se analista. Esse mesmo desejo é o instrumento com o qual o analisando que se tornou analista vai operar por sua vez na condução do tratamento analítico dos seus analisandos.⁹²

90. FREUD, Sigmund., *Estudos sobre a Histeria*. (1895), Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

91. GARCIA-ROZA, Alfredo, *Acaso e Repetição em Psicanálise*, Jorge Zahar, RJ, p. 22 – 23.

92. QUINET, Antônio, 2002, p. 110.

É importante lembrar que esse desejo do analista, segundo Antônio Quinet é diferente do desejo do inconsciente:

Na análise, a saída do desejo do analista implica na entrada do desejo inconsciente com via analisante. Ao tentarmos articular o desejo do analista dentro da cadeia significativa não estamos mais no desejo do analista; estamos no desejo inconsciente. É fundamental portanto, a distinção entre desejo inconsciente e desejo: o desejo do analista é um lugar “num percurso de infinitivos”, que são os infinitivos da demanda: pedir, chorar, sofrer, falar, amar, esperar, abandonar, expulsar. Infinitivos que se conjugam com seus participios passado: ser sofrido, ser falado, ser amado, ser esperado, ser abandonado, ser expulso.⁹³

Voltando à questão da transferência e da cura, Freud no artigo: “*A Dinâmica da Transferência*” de 1912 e depois no artigo: “Recordar, Repetir e Elaborar” deixa mais claro o conceito de transferência e afirma que a transferência é um “fragmento da repetição”.

2.5. Pulsão de Vida e Pulsão de Morte

Em *Além do Princípio de Prazer* (1920),⁹⁴ Freud passa de forma definitiva para o primeiro plano de sua teoria o tema da repetição, para fundamentar melhor a explicação da pulsão de morte.

A teoria dualista de pulsões e pulsões do ego, a partir de 1914, foi progressivamente perdendo o seu sentido, porque como explicar as pulsões de auto conservação, se toda pulsão é, em última instância sexual? Porém nesse texto, Freud introduz um novo dualismo pulsional, a pulsão de vida e a pulsão de morte. A primeira, como unificação das pulsões sexuais e de auto conservação. A segunda, sempre em oposição, consiste na tendência inerente a todo ser vivo de retornar ao estado antagônico com a eliminação completa das tensões.

93. QUINET, Antônio, 2002, p. 110

94. FREUD, Sigmund., *Além do Princípio do Prazer*, (1920), Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

Freud, em seu artigo: *As Pulsões e seus Destinos*, de 1915, ⁹⁵aponta os destinos da pulsão: o primeiro, segundo ele, consiste na reversão ao seu oposto, que pode se manifestar de duas maneiras: como uma reversão ao objeto da pulsão, ou seja, uma mudança da atividade para a passividade; e como uma reversão do conteúdo que se encontra no exemplo isolado da transformação do amor e ódio. O segundo, o retorno da pulsão em direção ao próprio eu do indivíduo, caracteriza-se essencialmente por uma mudança do objetivo, porém, sua finalidade não muda. Segundo Freud, é a seguinte a transformação operada no par de opostos sadismo – masoquismo:

Sadismo consiste no exercício da violência ou poder sobre outra pessoa como objeto. Esse objeto é substituído pelo próprio eu do indivíduo mudança de objeto: do outro eu para o próprio; mudança de objetivo: ativo para passivo. Outra pessoa é procurada como objeto para exercer o papel de agente da violência (masoquismo). ⁹⁶

De novo com o dualismo pulsional de vida e pulsão de morte, o objetivo de Freud foi certamente especulativo, naquilo que faz existir a vida e a morte. Tomando dois princípios: o primeiro, princípio de prazer que tem por objetivo proporcionar prazer e evitar desprazer, sem entraves e nem limites. O segundo, princípio de realidade, sempre impondo ao princípio de prazer restrições necessárias à adaptação à realidade externa.

A realidade é aqui concebida como o conjunto do meio físico e social, e o princípio de realidade é o seu sentinela contra as alucinações do processo primário, próprio do princípio de prazer, mas, segundo Freud o predomínio do princípio de realidade sobre o princípio de prazer é ilusório. Assim escreve ele:

Na realidade a substância do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a disposição daquele, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar, mais tarde, ao longo do caminho, um prazer seguro. ⁹⁷

A ideia anterior de que o princípio de realidade consistiria no conjunto do meio físico e social não se sustenta. Freud para chegar à ideia de pulsão de morte, segundo Garcia-Roza, define pulsão, dizendo:

95. FREUD, Sigmund., *As Pulsões e seus Destinos*, (1915), Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

96. FREUD, Sigmund, *A Pulsão e as suas Vicissitudes*, (1915), Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, Vol. XIV, 1874, p. 147 - 148.

97. FREUD, Sigmund, *Formulações sobre os dois Princípios do Fundamento Mental*, (1911). Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, Vol. XII p. 283.

A pulsão é uma tentativa inerente à vida orgânica de restaurar um estado anterior de coisas. Se a pulsão é conservadora, se tende a restaurar um estado anterior de coisas, devemos concluir que o desenvolvimento deve ser atribuído a fatores externos que desviariam a pulsão de seu objetivo – o de manter indefinidamente o mesmo estado de coisas, o estado inorgânico. “Seremos então compelidos a dizer que o objetivo de toda vida é a morte”.⁹⁸

Neste sentido, Freud tenta elaborar um conceito de pulsão de morte a partir de um caráter especulativo, tendo como base a observação da compulsão à repetição:

Essa compulsão de origem inconsciente, difícil de controlar, leva o sujeito a se coloca repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas. Mesmo que não se possa eliminar qualquer vestígio de satisfação libidinal desse processo, o que contribui para torná-lo difícil de observar em estado puro, o simples princípio de prazer não pode explicá-lo.⁹⁹

Observando a compulsão à repetição, Freud identificou na pulsão de morte uma força destrutiva e autodestrutiva que antes havia identificado no estudo sobre o masoquismo. Dessa forma, tornou-se a pulsão de morte, a singularidade da pulsão. Em 1933, Freud mais amadurecido afirma em “*Novas Conferências sobre Psicanálise*” que: *A pulsão de morte não pode estar ausente de nenhum processo de vida: ela se confronta permanentemente com Eros, as pulsões de vida.*¹⁰⁰

Freud em “*O Problema Econômico do Masoquismo*”, de 1924, vai dizer que a pulsão de morte jamais se manifesta em estado puro, mas sempre através de um pacto com as pulsões de vida. O conflito entre as forças não se encontra mais na oposição, como pensava antes, entre as pulsões sexuais e do Eu, ou entre a libido narcisista e a libido objetal, mas encontra-se entre *Eros* e *Tanatos*. Nesse sentido, a pulsão de morte é a tendência que termina por everter o princípio do prazer, concebido como princípio homeostático de conservação do ser vivo.

Lacan propõe em seu *Seminário VII* de 4 de maio de 1969,¹⁰¹ três níveis em que a questão da pulsão de morte pode ser articulada: o primeiro, no nível dos sistemas materiais inanimados, tratando-se da pura e simples aplicação do conceito energético de entropia à psicanálise. O segundo nível, consiste na ideia de Freud de retorno ao inanimado, tratando-se dos sistemas matérías viva. Segundo Lacan não corresponde ao conceito de pulsão. O terceiro, vontade de destruição e não tendência ao inanimado. Para ele, a pulsão de morte deve ser entendida como uma vontade de destruição direta.

98. GARCIA-ROZA, Freud e o Inconsciente, RJ, 1986, p. 136.

99. ROUDINESCO, Elizabeth, Dicionário de Psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, p. 631.

100. ROUDINESCO, Elizabeth, Dicionário de Psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, p. 631.

101. LACAN, J. O Seminário, Livro VII, O Avesso da Psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

Em *Além do Princípio de Prazer* (1920), Freud encontra dificuldade para definir a autonomia da pulsão de morte, em que cuja energia não seja a libido, pois a destrutividade ainda era vista como uma metamorfose da pulsão sexual, e o sadismo-masochismo uma manifestação dessa metamorfose. Esta dificuldade de definir uma autonomia da pulsão de morte permanece, continuando assim a concepção dualista: “*Nossa concepção foi desde o começo dualista, e continua sendo de maneira mais forte hoje...*”.¹⁰²

A afirmação da autonomia da pulsão de morte, entendida como pulsão de destruição se encontra no seu artigo: “*O Mal-estar da Cultura*” de 1930. Falando da oposição entre pulsão de morte e a cultura, Freud: *aponta a pulsão de morte como o obstáculo maior à cultura, na medida em que esta última tende a reunir indivíduos, famílias, nações, com vistas a uma grande unidade a própria humanidade.*¹⁰¹ Neste sentido, a cultura estaria a serviço de Eros. Enquanto que a pulsão de morte, como potência de destruição teria a função de desarticular esta unidade.

Neste sentido, para Freud, a pulsão de morte é ante cultural. Para Lacan, ante cultural. No Seminário IV: “*A Ética da Psicanálise*”, de 1960, Lacan afirma:

A pulsão de morte deve ser situada no âmbito histórico, uma vez que se ela se articula num nível que só é definível em função da cadeira do significante, isto é, visto que uma referência, que é uma referência de ordem, pode ser situada em relação ao funcionalismo da natureza.¹⁰³

Tomando a pulsão de morte situada no âmbito histórico, Freud em *Totem e Tabu*, de 1913,¹⁰⁴ tentando dar uma explicação geral acerca da origem das sociedades, da cultura e da religião a partir da teoria psicanalítica, ou seja, querendo fundamentar historicamente o mito de Édipo e a proibição ao incesto, mostra que a história individual de cada sujeito não é mais do que a repetição da história da humanidade. Com o mito de Édipo e a proibição do incesto, Freud introduz em *Totem e Tabu* a lei e a culpa. O mito de Édipo consiste em ato real: o assassinato necessário; a proibição ao incesto, um ato simbólico, a proibição internalizada.

101. FREUD, Sigmund, *Além do Princípio de Prazer*, (1920), Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, p. 51

102. GARCIA ROZA, 1997, p. 134.

103. LACAN, J. , *O Seminário, Livro IV, A Ética da Psicanálise*, Jorge Zahar, RJ, 1980, p. 259.

104. FREUD, Sigmund., *Totem e Tabu* (1913), Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1974.

Nas palavras de Garcia-Roza:

O conceito de pulsão de morte coloca aos que se esforçam para aprender o seu sentido não é a ideia de uma vontade maligna originária no homem, a confirmação ontológica da fantasia sadiana, mas sim a tese de que o pulsional não contém em si nada, nenhuma indicação, que nos torne capazes de diferenciar o bem do mal. ¹⁰⁵

Compreendendo a concepção de pulsão, de pulsão de vida e de pulsão de morte em Freud, faz-se necessário dizer que o mestre de Viena, na singular arte de escutar, possibilitou o surgimento de um mais-além do discurso social, a psicanálise. Com a psicanálise, uma nova concepção de homem e de mundo rompia entre os grandes paradigmas da história do conhecimento.

Freud situou no inconsciente e na sexualidade os dois fundamentos de estruturação do ser humano, e fundamentou de forma genial que as ações humanas sejam elas conscientes ou inconscientes, são determinadas e, que essa instância psíquica materializa-se por meio da representação. Nesse sentido, a linguagem faz o ser humano se inserir no mistério da vida e da morte. E ainda mais, a linguagem é anterior ao sujeito, pois antes da encarnação humana de cada sujeito, ele, o sujeito, já existia como desejo, primeiro de Deus, depois dos pais. E após o declinar do sujeito, ficarão no mundo e na história as marcas do seu ser e do seu agir.

105. GARCIA-ROZA, A. Luis, Rio de Janeiro, 1990, p. 159.

III – ASPECTOS FUNDAMENTAIS DE DIVERGÊNCIAS E DE CONVERGÊNCIAS ENTRE O CUIDADO PASTORAL E A PSICANÁLISE: APONTANDO POSSÍVEIS INDICAÇÕES E LIMITES NA ACOLHIDA DE DEMANDA DE QUEM SOFRE.

Neste terceiro e último capítulo será feita uma fundamentação teórica sobre os principais aspectos do Cuidado Pastoral, seu desenvolvimento histórico, teórico e prático, prático no sentido de experiência, a partir do discurso da Fé e da Graça e sua relação com a teologia espiritual. Também pontuaremos os principais aspectos fundamentais da Psicanálise como ciência do Inconsciente e da Clínica, suas estruturas e manifestações, a partir de aspectos teóricos e práticos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. O ponto de partida nesta reflexão será identificar os aspectos fundamentais de divergências e convergências existentes no Cuidado Pastoral e na Psicanálise, apontando possíveis indicações e limites na acolhida de demanda de quem sofre.

3.1. Deus sob o olhar da Teologia e da Psicanálise

A história da revelação começa com a criação que já é sinal de salvação. Toda a criação é manifestação do amor de Deus. Nesse sentido podemos dizer que Deus cria salvando e salva criando. A auto comunicação de Deus na história é manifestação de seu desejo, de sua vontade, vontade universal de salvação. Deus Pai, abre a “porta” do seu mistério infinito e insondável, mistério de amor e bondade, e deixa jorrar desse mistério o seu amor criador. É manifestação gratuita. Deus oferece ao homem e à mulher a possibilidade de comunhão com Ele. Neste sentido, dizemos que o sentido da história da humanidade é participar desta comunhão. Deus, querendo no salvar, nos faz participantes de sua santidade, de sua divindade. A revelação é graça de Deus. O ser humano é graça de Deus. A criação é graça de Deus. Tudo é graça, na graça e pela graça. No centro da criação está o ser humano, homem e mulher, criados à sua imagem e semelhança. Ao criar o ser humano, Deus manifesta o seu desejo de comunhão movido pelo amor. Amor que cria salvando e salva criando. E sobre a criação como manifestação do amor de esclarece o documento do Concílio Vaticano II em *Gaudium et Spes*:

O aspecto mais sublime da dignidade humana está nesta vocação do homem à comunhão com Deus. E este convite que Deus dirige ao homem, de dialogar com ele, começa com a existência humana. Pois se o homem existe, é porque Deus o criou por amor, não cessa de dar-lhe o ser, e o homem só vive plenamente, segundo a verdade, se reconhecer livremente este amor e se entregar ao seu criador.¹⁰⁶

Esta revelação de Deus atinge a sua plenitude na encarnação do verbo que se fez homem e habitou entre a humanidade, tema que será fundamentado um pouco mais adiante.

O Deus do Antigo Testamento se revela como Deus vivo, único, verdadeiro e onipotente, Senhor do Universo e das nações. O Deus conhecido de Israel é Aquele que salva o seu povo do cativeiro, combate ao seu lado, entrega-lhe a terra prometida. Daí nasce a relação de salvação.

Esta compreensão, este conhecimento da existência do Criador que passa pela razão humana, passa, sobretudo pela experiência existencial, concreta e vivencial. Esta compreensão leva a descobrir ou a redescobrir a fé, não a partir de conceitos abstratos, mas sim a partir de uma experiência história da relação vivida entre Deus que quis se comunicar e o ser humano que se abre a esta comunicação.

O Deus presente no discurso da teologia é o Deus da revelação bíblica, criador de todas as coisas e Pai da humanidade. É o Deus dos patriarcas: de Abraão, de Isaac, de Jacó e de Moisés. É o Deus dos profetas: Isaías, Jeremias, Amós e Elias..., cuja missão é anunciar a Palavra de Javé e a denunciar os sinais de morte presente na sociedade. É o Deus das santas mulheres: a profetisa Ana, Rute, Ester, Isabel, mãe de João Batista e de Maria de Nazaré, mãe de Jesus. É o Deus de Jesus, que armou a sua tenda entre nós na pessoa de seu Filho, Mestre do cuidado. É o Deus de Pedro e de Paulo, de Agostinho e de Francisco de Assis. É o Deus de Tomas de Aquino e de Lutero, de Inácio, de Tereza de Ávila e de João da Cruz. É o Deus de Madre Tereza de Calcutá e de Irmã Dulce dos Pobres. É o Deus dos pobres de ontem de hoje.

Do que foi exposto sobre Deus a partir do olhar da teologia, e este olhar sinalizou um modo especial de concebê-lo, resta pontuar de como a psicanálise o concebe.

Para compreender o “lugar” de Deus na psicanálise não partiremos nem do discurso filosófico e nem do discurso teológico, embora estas duas formas de saber são tomadas por alguns teóricos da psicanálise na tentativa de pensar teoricamente Deus.

106. Concilio Vaticano II, Gaudium et Spes, 19, n.01. Gaudium et Spes em latim significa Alegria e Esperança.

O ponto de partida na teoria psicanalítica para a elaboração de um referencial teórico sobre Deus se encontra nos textos clássicos de Freud: *Édipo, Totem e Tabu e Moisés e o Monoteísmo*.¹⁰⁷ Nestas obras, Deus é identificado como pai e esteve no centro das construções sobre o sujeito do inconsciente. Para Sandra Maria Espinha Oliveira:

Desde sua teoria da sedução, é no pai que Freud se apoia para dar conta da irrupção do desejo no mundo do sujeito atribuindo a função traumática de encarnar o caráter hétero do sujeito. Na passagem da teoria da sedução à teoria do fantasma, é, também, através do pai, que Freud introduz na psicanálise a dimensão da verdade.¹⁰⁸

O complexo de Édipo é o fio condutor no qual Freud descreve a atuação de um pai forte e poderoso, representante da lei, abre espaço para a identificação e para o caminho do desejo. Este pai forte e poderoso faz corte na relação mãe – filho, impedindo a mãe de ser objeto e ao mesmo tempo barrando o gozo sem limites. Então o filho deixa de ser objeto de desejo da mãe. Essa ação do pai provoca no filho o término do complexo de Édipo, levando-o a encontrar nele, ou seja, no pai, o seu ideal chamado de identificação, no que se refere ao lado masculino, enquanto que do lado feminino, definindo o lugar da possibilidade de busca do falo. Sobre esta questão Judith Euchares Ricardo de Albuquerque completa:

O pai edipiano é da ordem do discurso, um significante de valor que, quando mediado pela palavra da mãe, torna-se um grande outro com a função de garantir o sentido, orientar o gozo e apaziguar o sujeito. Ele marca passagem da natureza para a cultura do animal para o humano.¹⁰⁹

Se nesta reflexão é pontuada a questão de Deus sob o olhar da filosofia, da teologia e da psicanálise, é singular tomar aqui duas referências bíblicas, presentes em Lucas 2, 41 – 52, quando Jesus aos doze anos é encontrado no templo por seus pais, José e Maria. Ao encontrá-lo sua Mãe disse: *“Filho, por que procedeste assim conosco?”* *Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição.* Ele disse-lhe: *“Para que me buscáeis? Não sabíeis que devo ocupar-me nas coisas de meu Pai?”*

107. FREUD, Sigmund., *Moisés e o Monoteísmo*, (1939), Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1975.

108. OLIVEIRA, Sandra M. E., *versões-do-pai-no-ensino-de-Lacan* ebp.org.br.../pdf.jul.2010. Acesso em: 30 jul. 2014.

109. ALBUQUERQUE, Judith. E. R. Declínio da Autoridade. Disponível em: <www.trt.jus.br/escola/down/oad/revista/rev.../pdf.jun.2006>. Acesso em: 30 jul. 2014

A outra referência bíblica se encontra também em Lucas 8, 19 – 21, quando vão ao encontro de Jesus e dizem: *“Tua mãe e teus irmãos estão lá fora, e querem ver-te”*. Ele respondeu: *“Minha mãe e meus irmãos são todos aqueles que ouvem a palavra de Deus, e a praticam”*. Se na primeira referência o Pai (Deus) atravessa na relação do Filho (Jesus) com a sua mãe (Maria); e é a Mãe (Maria) que faz a cobrança da ausência do Filho; na segunda referência é Jesus que estende a todos a passagem da natureza para a cultura, do animal para o humano. Esclarecendo melhor o “lugar” na psicanálise e após citar e comentar estas duas referências bíblicas Albuquerque afirma:

Ao construir o Complexo de Édipo, Freud criou um lugar de alteridade que oferecia um “modo para todos”. Um pai soberano ideal, um grande outro da linguagem, adaptador e pacificador que Jacques Lacan denominou, mais tarde de Nome-do-Pai. Tal como o Deus da religião, o mito freudiano de Édipo se sustenta num ato de fé. Descreve um pai universal que diz não ao gozo do filho, como preço a ser pago para se chegar ao amor. (*“Nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”*. Cf. Mt 4, 4; *“A minha comida é fazer a vontade D’aquela que me enviou, é cumprir a sua vontade”*. Cf. Jo, 4, 34). Garantidor de boa fé oferece normas e reconhecimentos, uma “medida para todos”, uma identificação única aos valores tradicionais. A Clínica Freudiana ou Estrutural descreve três tipos de estruturas psíquicas possíveis (Psicose – Neurose – Perversão), em função da ocorrência ou não do Complexo de Édipo. Para quem do Nome-do-Pai carece, há um encontro com um Grande Outro vazio, sem referência numa ausência de recursos que possam mediar e organizar a invasão no sujeito de um gozo imediato e sem limites. O psicótico, então sem a inscrição do Nome-do-Pai, tenta substituí-la com a criação de um delírio, numa louca tentativa de suturar a incompletude do Outro. Onde o pai não opera, permanece um grande outro sem lei, um gozo infinito e mortífero para o sujeito que, muitas vezes, golpeia a si ou a outro, como tentativa de se esvaziar desse excesso. O neurótico, ao contrário, não só não carece do Nome-do-Pai, como também passa a vida tentando dar consistência ao pai idealizado, que ele mesmo criou e, diante do qual, se faz todo, fingindo não ver que a referência absoluta não existe. O perverso passa pelo Complexo de Édipo, se submete ao Nome-do-Pai, mas, de alguma forma o rejeita, não se submetendo ao amor que a lei do pai propicia a si ao gozo que dela escapa. Possui um simbólico precário e se coloca como aquele que tem a técnica do gozo. Diferente do neurótico, que se endereça ao grande Outro, demandando-lhe uma interpretação sobre seu ser, o perverso não faz qualquer pergunta, se oferecendo simplesmente como uma resposta fixada no lugar do gozo, para nada saber do desejo. É uma resposta de desafio ao pai.¹¹⁰

Sob o olhar da teologia, Deus existe? Sim, existe enquanto o Deus da revelação, criador de todas as coisas e que “chegando à plenitude dos tempos se encarnou no ventre de uma mulher”, “se fez homem e habitou entre a humanidade”, fazendo-se no Filho, Pai de todos no amor e pelo amor.

110. ALBUQUERQUE, Judith. E. R. O Declínio da Autoridade. Disponível em: <www.trt.jus.br/escola/down/oad/revista/rev.../pdf/jun.2006>. Acesso em: 30 jul. 2014

E sob o olhar da psicanálise, a pergunta que se faz não é sobre a sua existência, mas sim sobre o “lugar” que ele ocupa na existência do sujeito movido ou não pelo desejo que se manifesta na linguagem na perspectiva de um dervir, de um vir-a- ser, seja ele neurótico, pervertido ou psicótico.

3. 2. O Sofrimento Humano que se faz discurso sob o olhar do Cuidado Pastoral e da Clínica Psicanalítica.

Venha para mim todos vós que estão cansados de carregar o peso dos vossos fardos, e eu vos darei descanso. “Tomem sobre vós o meu fardo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração e vos darei descanso, pois o meu fardo é leve e o meu jugo é suave”. (Mateus, 11,25).

Jesus de Nazaré, imagem plena e perfeita de Deus amor, bondade e misericórdia viveu até os extremos a dimensão do *amor – cuidado* e, todos aqueles que dele se aproximavam eram destinatários desse *amor – ternura*. Em cada época da história da humanidade, a pessoa humana sempre sentiu falta do “colo” de Deus – Pai e Mãe:

O problema da existência do homem é, portanto, único em toda a natureza: ele saiu da natureza, por assim dizer, mas ainda está nela; é em parte divino e em parte animal; em parte infinito em parte finito. A necessidade de encontrar soluções sempre renovadas para as contradições de sua existência, de encontrar formas cada vez mais elevadas de unidade com a natureza, com seus próximos e consigo mesmo, é a fonte de todas as forças psíquicas motivadoras do homem, de todas as suas paixões, seus afeitos e ansiedades.¹¹¹

Se o sofrimento humano em algum momento da vida é inevitável, as formas de enfrentá-lo foram se constituindo na história nas formas mais variadas possível.

O sofrimento humano consiste na ‘dor de existir’. Sua forma de expressão é a tristeza, sentimento profundamente humano, que é sentido por nós seres humanos, desde o momento de nossa constituição, pois para existirmos enquanto sujeitos, sujeitos de linguagem, é necessário que nos constituamos em torno de uma falta, falta que significa : eu sou, mas não sou em plenitude; eu posso muita coisa, mas não posso tudo; eu posso fazer muita coisa, mas não posso fazer tudo; eu posso ter muita coisa, mas não posso ter tudo.

111. FROMM, Erich, *Psicanálise na Sociedade Contemporânea*, Ed. Guanabara Koogan S.A., RJ,1983, p. 38.

As mais diversas formas de enfrentar as mais variadas maneiras de sofrimentos podem ser resumidas no verbo *cuidar* ou no substantivo *cuidado*, e aqui, de modo especial, o cuidado pastoral.

O termo '*adoecimento*' na atualidade tomou o lugar de *doenças psicossomáticas*, para lembrar que primeiro não adoce a mente para depois o corpo e nem primeiro adoce o corpo para depois a mente. O termo adoecimento significa que quando o sujeito adoce é um todo que adoce, é um todo que sofre, é um todo que padece.

Tanto o pastor, quanto o psicanalista são destinatários de demanda de quem sofre. A cada um deles a pessoa que sofre manifesta por meio do discurso o que lhe faz sofrer. Aqui é possível verificar elementos de convergências e divergências nesse processo.

Os elementos de convergências e divergências nesse processo consistem em primeiro lugar: o sofrimento é inerente a toda pessoa humana; em algum momento da vida a dor de existir e as suas formas de se manifestar vão se fazer presentes.

A pessoa que sofre pode endereçar ao pastor, ao médico ou ao psicanalista a sua queixa, o seu pedido de "ajuda", o seu grito por socorro. O "conteúdo" da queixa é por excelência manifestada por meio do discurso, por meio da palavra. Palavra que ao mesmo tempo evoca significante e significado. No "espaço" do cuidado pastoral como lugar de escuta o sintoma manifestado por alguém pode ser qualquer modo ou forma de adoecimento, de sofrimento. Segundo Antônio Quinet, *o significado do sintoma como significante é sempre patológico*. Assim esclarece o autor:

Para a psicanálise, o sintoma não remete a uma doença que tenha algum substrato anatômico patológico, ou seja, não remete a um significado generalizável nem a um significado patológico... O sintoma para a psicanálise não revela uma verdade: trata-se da verdade do sujeito do inconsciente. Assim, o significado de um sintoma para a psicanálise não é a patologia... A psicanálise demonstra que o significado de cada sintoma é sempre particular, sendo necessário construir um saber novo para dar conta daquele sintoma – o que é efetuado a cada vez em uma análise.¹¹²

112. QUINET, Antônio, RJ, 2002, pp. 119 -121.

Voltando à questão do sofrimento humano que se faz discurso sob o olhar do cuidado pastoral e da clínica psicanalítica, dizemos que se o cuidado pastoral é precedido por uma força maior e motivadora que é o amor e a graça de Deus pelo ser humano, homem e mulher, manifestado plenamente na pessoa de Jesus de Nazaré, o Bom Pastor, o Crucificado que ressuscitou, esse amor se expressa e se configura na pessoa do pastor e da pastora através do olhar compassivo e amoroso, de uma escuta atenta e verdadeira, de um interrogar que não consiste em ato inquisitório, mas na ação de um “novo” nascimento capaz de sustentar a continuação da exteriorização do discurso, levando a pessoa a acreditar que além do horizonte existe uma luz que a ilumina, e este horizonte não está fora dela, que esta luz não está fora, mas está no mais profundo do seu coração, no mais profundo do seu ser, a graça e o amor de Deus, Pai e Mãe da humanidade.

Na psicanálise o sofrimento se manifesta por meio da queixa. E a queixa se faz discurso, cuja exteriorização se dá por meio da linguagem, por meio da palavra. Palavra que dá “forma” ao sintoma. Sintoma como uma modalidade da representação do sujeito da demanda endereçado ao analista, cuja função é sustentar o desejo de saber por meio da transferência. A clínica psicanalítica é um “espaço” onde o sofrimento do sujeito é exteriorizado num movimento dialético entre pulsão de morte e pulsão de vida, entre Eros e Tanatos. O triunfo de Eros sobre Tanatos acontece na medida em que um saber sobre o sintoma emerge no sujeito da demanda.

3.3. A Pessoa Humana Destinatária da Ética do Cuidado e da Ética Psicanalítica

Antes de fundamentar a questão do ser humana como destinatário da ética do cuidado e da ética psicanalítica, faz-se necessário esclarecer o termo *ética* e o seu significado. Etimologicamente o termo *ética* vem do grego *ethos* cujo significado é “modo de ser” que implica em algo construído e constituído pelo próprio homem ao longo da história de sua vida, com o objetivo de orientar e ordenar seus comportamentos, atitudes e ações, ou seja, seu modo de ser e de viver.¹¹²

O cuidado pastoral e a clínica psicanalítica são duas formas ou espaços instituídos na história humana cujo objetivo é ofertar a quem demanda uma “resposta” de alívio ou de cura diante do sofrimento.

113. FERREIRA. Márie dos Santos., A Natureza Filosófica da Ética segundo Lima Vaz, Fortaleza, 2007, p. 239.

Exercitar estas duas formas de escuta pressupõe além de uma formação teórica, um princípio ético capaz de orientar o próprio processo, possibilitando ao sujeito da escuta do cuidado pastoral como da clínica legitimando a sua prática e ao mesmo tempo dando-lhe significado. Pressupõe também uma experiência pessoal de alguém que por meio da fé e da graça acolheu e acolhe em seu próprio ser as marcas da paixão de Cristo presente no cotidiano de cada pessoa. Rosimeire Bruno Lopes deixa claro quando afirma:

A psicanálise mostra que somos resultado e expressão de nossa história de vida. Não somos autores nem senhores de nossa história, mas efeitos dela. O sujeito, isto é, a pessoa, só pode existir se for consciente de si e dos outros, ser dotado de vontade, capacidade para orientar desejos, impulsos, tendências, sentimentos e capacidade para deliberar e decidir, ser responsável e ser livre. Como princípio da ética psicanalítica, consideramos a psicanálise na relação consigo mesmo, o profissional e sua relação com seus pacientes, sua conduta como profissional de interações e a sua relação com a “sua” sociedade.¹¹⁴

Isso também vale para quem ocupa o lugar de analista. A própria formação em psicanálise pressupõe formação teórica, análise pessoal e supervisão. Quem se dedica a escuta no cuidado pastoral também faz esse percurso de formação através de estudo sistemático da teologia bíblica, sistemática, moral, espiritual, pastoral e direção espiritual.

Se a prática psicanalítica é orientada pela ética do bem ouvir e do bem dizer, tema que abordaremos mais adiante, o cuidado pastoral é orientado por um princípio ético de outra ordem, da clínica psicanalítica. Aquele ou aquela que assume a posição de fazer do cuidado pastoral uma prática, deve ser movido (a) pela graça do Deus da vida, coadjuvante indispensável na relação de quem escuta e de quem é escutado, de quem cuida e de quem é cuidado.

É de fundamental importância saber que o destinatário do cuidado pastoral é uma pessoa, imagem e semelhança de Deus. E se está agora nessa condição de ser destinatário do cuidado pastoral é porque esta “imagem” de Deus foi ofuscada pelos sinais de morte e pelo pecado como consequência de ter dito “não” a Deus. Cada pessoa tem uma maneira diferente de enfrentar o sofrimento. E o cuidar no cuidado pastoral precisa estar ciente e atento a esta realidade. A “dor de existir” é inerente a cada ser humano, mas a forma de enfrentar esta dor é diferente.

114. A-ética-na-psicanálise.03.2013. Disponível em: <psicologado.com/abordagens/psicanalise>. Acesso em: 2 ago.2014

O destinatário do cuidado pastoral é um (a) filho (a) do Deus da vida, aflito, deprimido, angustiado, confuso, frustrado, na maioria das vezes sentindo-se sozinho com poucas possibilidades para entrar em sintonia em seu ser-no-mundo e abrir-se às muitas possibilidades.

O destinatário do cuidado pastoral é um (a) filho (a) do Deus da vida, aflito, deprimido, angustiado, confuso, frustrado, na maioria das vezes sentindo-se sozinho com poucas possibilidades para entrar em sintonia em seu ser-no-mundo e abrir-se às muitas possibilidades. É tarefa do cuidador, possibilitar ao destinatário do cuidado pastoral centelhas de esperança a partir de algum fragmento que ele ou ela traz no coração e pode ser um bom ponto de partida para o encontro consigo mesmo, com os outros e com o Deus da vida.

Na arte do cuidado pastoral é preciso possibilitar ao destinatário do cuidado o acender a chama da vida.

É reconhecer o poder que cada um porta dentro de si e estimular a pessoa a exercer poder de forma justa e útil. Não parte da ideia de fragilidade humana, “mas, sim (“baseia-se) em alguma força pré-existente sobre a qual se estabelece”. O cuidado pastoral orientado por este modelo extrai e constrói, a partir das forças e recursos amortecidos de indivíduos e de comunidades, estratégias e métodos que minimizam ou eliminem o sentimento de impotência política e incapacidade.¹¹⁵

Este reconhecimento de poder que cada pessoa porta dentro de si é mais forte do que as adversidades que cerceiam o outro como destinatário do cuidado pastoral.

Sobre a ética do agir psicanalítico, dizemos que ao analista se exige o papel que consiste em saber manejar a transferência sem perder-se.

A ética para a psicanálise se define ou concerne do desejo (Wunsch) dos seres falantes e do real do gozo que o determina... O desejo do analista é um desejo de saber e não deve ser confundido com o desejo ingênuo de curar... A ética da psicanálise propõe ao analista acolher, mas nunca responder, à demanda que lhe é dirigida pelo analisando. Demanda que é sempre demanda de amor, de amor ao saber.¹¹⁶

Vimos que tanto no agir do cuidado pastoral que se estabelece de modo especial por meio da escuta, quanto no agir do analista na clínica psicanalítica pressupõe uma ética.

115. SATHLER, Rosa, R. Cuidado Pastoral em Tempos de Mudança. Uma Hermenêutica Contemporânea, São Paulo ASTE, 2004.

116. Ética-na-psicanálise-a-partir-de-seus-conceitos-27/08/2009. Disponível em<psicologado.com/.../psicanálise.Acesso em:05 agosto 2014.

A diferença é que no agir psicanalítico o analista mesmo acolhendo a demanda do analisando, não deve responder a esta demanda que é demanda de amor ao saber, devemos pois, oferecer um vazio para o desejo do paciente. No cuidado pastoral o cuidador acolhe a demanda que é ao mesmo tempo demanda de amor ao saber, mas também é demanda de reconhecer pelo sentir o que já foi e o que já é sabido e experimentado.

No cuidado pastoral mesmo o pastor ou o cuidador não tendo ainda um saber sobre o sintoma do destinatário, ou seja, da pessoa que demanda a escuta, há um saber constituído cujo fundamento é a graça de Deus que se faz presente e, tanto o pastor ou o cuidador deve fazer memória desta graça de Deus mediante a fé.

3.4. O Saber Ouvir e o Bem Dizer no Cuidado Pastoral e na Clínica Psicanalítica

Segundo o ditado popular: “Deus fez o ser humana com dois ouvidos e uma boca, isto pressupõe que devemos ouvir mais e falar menos”.

Tanto no cuidado pastoral, quanto na clínica psicanalítica, o saber ouvir é condição essencial na acolhida de demanda de quem sofre.

Na clínica psicanalítica o saber ouvir é um ato ou desdobramento de alguém que coloca em prática a partir do desejo de ocupar o lugar de analista a própria experiência de ter sido escutado e ouvido em seu processo de análise pessoal. Segundo a teoria psicanalítica é de fundamental importância à análise pessoal. Se o sujeito da análise vai ocupar o lugar de analista, só ele vai poder decidir mediante o desejo que o sustentou durante o seu processo de análise pessoal.

Este saber constituído que o pastor ou o cuidador lança mão como coadjuvante na ação da escuta no cuidado pastoral parte dessas variadas formas de saber apresentado acima.

No Antigo Testamento o saber ouvir por excelência é próprio de Deus. O projeto de libertação do Povo de Deus liderado por Moises na escravidão do Egito é exemplo desse escutar de Deus: *“Muito tempo depois, o rei do Egito morreu. Os filhos de Israel gemiam sob o peso da escravidão, e clamaram; e do fundo da escravidão, o seu clamor chegou até Deus. Deus ouviu as queixas deles e lembrou-se da Aliança que fizera com Abraão, Isaac e Jacó (Ex. 2, 23-24).* O primeiro verbo do agir de Deus é o *ouvir*. O ouvir de Deus é o ponto de partida do processo de libertação do seu povo. No Antigo Testamento o curar de Deus é consequência do seu ouvir.

No Novo Testamento Jesus, Verbo Amoroso Encarnado do Deus Amor, Pai da humanidade, atualiza esse amor de maneira sublime também pelos sentidos. Podemos dizer que há um empirismo na arte de escutar de Jesus. Os seus sentidos estão sempre aguçados na arte do encontro com todas as pessoas: no olhar, no tocar, no sentir, mas, sobretudo no ouvir. Ninguém jamais teve o ouvido tão aguçado como Jesus de Nazaré. Apresentaremos a seguir três encontros, três momentos em que Jesus realiza de maneira singular o cuidado pastoral: O seu encontro com o cego Bartimeu, o filho de Timeu (Mc 10, 46-53); O encontro com a Mulher Samaritana (Jo 4,5-42) e a parábola do Bom Samaritano contado pelo próprio Jesus:

“Chegaram a Jericó. Jesus saiu de Jericó, junto com seus discípulos e uma grande multidão. Na beira do caminho havia um cego que se chamava Bartimeu, o filho de Timeu; estava sentado pedindo esmolas. Quando ouviu dizer que era Jesus Nazareno que estava passando, o cego começou a gritar: Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim. Muitos o reprendiam e mandaram que ficasse quieto. Mas ele gritava ainda mais: Filho de Davi, tem piedade de mim. Então Jesus parou e disse: “Chamem o cego”. Eles chamaram o cego e disseram: “Coragem, levante-se, porque Jesus está chamando você”. O cego largou o manto, deu um pulo e foi até Jesus. Então Jesus lhe disse: “O que você quer que eu faça por você?” “ Mestre, eu quero ver de novo”. Jesus disse: “ Pode ir, a sua fé curou você”. No mesmo instante o cego começou a ver de novo e seguia Jesus pelo caminho. (Mc 10, 46-53).

Não sabemos ao certo o nome do cego Bartimeu. Bar-Timeu: “bar”, em aramaico, significa “filho de”. Ele não tem nome, conhecido apenas como filho de Timeu.

O sufixo Bar mais a junção de Timeu, era a forma de como lhe chamavam. Tudo indica que o seu pai era um general que servia a Israel no destacamento de Betel e que ao aposentar-se se tornou um homem bem sucedido economicamente, mas quando o domínio do Império Romano aconteceu seus bens foram confiscados e a sua aposentadoria cortada.¹¹⁷ Voltando ao cego Bartimeu, lembramo-nos do sofrimento que era para alguém que tivesse uma enfermidade física ou psíquica no tempo de Jesus. A cegueira no tempo de Jesus fosse ela de nascença ou adquirida era quase impossível de ser curada. Portanto, um sintoma da ordem do impossível. O “lugar social” de Bartimeu era a beira do caminho. E quem está à beira do caminho está sujeito á chuva, sol, frio e a qualquer tipo de perigo. Mas eis que é chegada o grande dia na vida de Bartimeu. Jesus Nazareno está passando e como o cego desenvolve uma maior capacidade para ouvir, Bartimeu começa a gritar: “*Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim*”. Muitos o repreenderam, mas ele gritava ainda mais. É o grito que nasce da fé. Há no coração de Bartimeu o desejo de conhecer o “filho de Davi”.

117.DELMO, Marco, Bartimeu-o-cego-de-jericó. Disponível em:
personagembiblico.blogspot.com/2011. Acesso em: 29 jul. 2014.

Nesse momento Jesus parou e ordenou: “*Chamem o cego*”. Eles o chamaram e disseram: “*Coragem, levante-se, porque Jesus está chamando você*”. O ouvir de Deus no Êxodo 2, 23-24 se atualiza no ouvir de Jesus em Mc. 10, 46-53. O cego largou o manto da humilhação. Deu um pulo. O pulo para uma vida nova. Nem sempre é fácil para as pessoas “dar o pulo” para uma vida nova.

A história pessoal marcada por rejeição, humilhação, maus tratos, muitas vezes torna-se elemento de resistência para uma tomada de consciência de que é preciso “dar o pulo”, “largar o manto”. Jesus perguntou: “*O que você quer que eu faça*”? A pergunta que Jesus faz a Bartimeu pressupõe uma resposta que nasce de um desejo.

O encontro no cuidado pastoral e na clínica psicanalítica é sempre precedido por perguntas: “*O que te traz aqui*”? O cego respondeu: “*Mestre, eu quero ver de novo*”. Jesus disse: “*Pode ir, a sua fé curou você*”. Bartimeu agora está livre e pode ir onde quiser. A cura da cegueira é também dom de poder ver mais longe. Curado por Aquele que é luz do mundo, põe-se a segui-lo. Esta consciência do seguimento começou de um grito, de um salto. É claro que esse “*Mestre, quero ver de novo*” no cuidado pastoral e na clínica psicanalítica se dá em um longo processo.

Não é fácil para a pessoa destinatária da escuta no cuidado pastoral ou na clínica psicanalítica dizer: “*Eu não sei por que não vejo, ou porque eu não me vejo*”; “*Eu não sei por que estou sofrendo*”; “*Eu não sei qual é a minha cegueira*”. No cuidado pastoral, o pastor ou o cuidador vai sustentar o processo desta descoberta por meio da escuta amorosa; na clínica psicanalítica, o analista vai sustentar esse “lugar” para que o paciente, sujeito da demanda de amor ao saber não sabido, se estabeleça por meio da transferência. E como cada sujeito é único, precisa reinventar tanto na clínica como também no cuidado pastoral os modos de escuta. O segundo momento em que Jesus vivencia a bela arte do cuidado pastoral acontece quando ele se encontra com a mulher samaritana:

Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dá-me de beber.” Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos, Disse-lhe então a samaritana: “Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?” É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: “Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!. Disse-lhe a mulher: “Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo... Onde consegues, então, a água viva? Porventura és maior do que o nosso patriarca Jacob, que nos deu este poço donde beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos? Replicou-lhe Jesus: “Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que eu lhe der há de tornar-se nele em

fonte de água que dá a vida eterna.” Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me desta água, para eu não ter sede, nem ter de vir aqui cá tirá-la”. Respondeu-lhe Jesus: “Vai, chama o teu marido e volta cá.” A mulher retorquiu-lhe: “Eu não tenho marido”. Declarou-lhe Jesus: “Disseste bem: ‘não tenho marido, pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. “Nisto falaste a verdade.” Disse-lhe a mulher: “Senhor, vejo que és um profeta”! “Os nossos antepassados adoraram a Deus neste monte, e vós dizeis que o lugar onde se deve adorar está em Jerusalém.” Jesus declarou-lhe: “Mulher, acredita em mim: chegou a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, haveis de adorar o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. Mas chega a hora – e é já – em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai pretende. Deus é espírito; por isso, os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade.” Disse-lhe a mulher: “Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há de fazer-nos saber todas as coisas.” Jesus respondeu-lhe: “Sou eu, que estou a falando contigo.” Nisto chegaram os seus discípulos e ficaram admirados de Ele estar falando com uma mulher. Mas nenhum perguntou: ‘Que procuras?’, ou: ‘De que estás falando com ela?’ Então a mulher deixou o seu cântaro foi à cidade e disse àquela gente: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será ele o Messias?” Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus. Entretanto, os discípulos insistiam com ele, dizendo: “Rabi, come.” Mas ele disse-lhes: “Eu tenho um outro alimento para comer, que vós não conheceis”. Então os discípulos começaram a dizer entre si: “Será que alguém lhe trouxe de comer?” Declarou-lhe Jesus: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra. Não dizeis vós: ‘Mais quatro meses e vem a ceifa?’ Pois Eu digo-vos: Levantai os olhos e vede os campos que estão dourados para a ceifa. Já o ceifeiro recebe o seu salário e recolhe o fruto em ordem à vida eterna, de modo que se alegram ao mesmo tempo aquele que semeia e o que ceifa. Nisto, porém, é verdadeiro o ditado: ‘um é o que semeia e outro é o que ceifa’. Porque Eu enviei-vos a ceifar o que não trabalhaste; outros se cansaram trabalhando, e vós ficastes com o proveito da sua fadiga. Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele devido às palavras de mulher, que testemunhava: “Ele disse-me tudo o que eu fiz.” Por isso, quando os samaritanos foram ter com Jesus, começaram a pedir-lhe que ficasse com eles. E ficou lá dois dias. “Então muitos mais acreditaram nele por causa da sua pregação, e diziam à mulher: Já não é pelas suas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo”. (Jo 4, 5-42)

O ser humano é movido em sua existência por duas forças em constante processo dialético: luzes e trevas, graça e pecado, vida e morte.

É a mistura dessas duas realidades existenciais que faz com que cada pessoa se descubra como ser em movimento, apontando o sentido de sua vida, movendo-o em direção ao cumprimento de uma missão no mundo, de um ser com os outros.

É salutar contemplar o encontro de Jesus com a mulher samaritana. É um encontro constituído por um longo diálogo que traz um “lugar” teológico convidando-a a uma viagem interior em direção ao seu coração, cujo significante é “água viva” que jorra para a vida eterna. Nesta longa cena os dois principais protagonistas são: Jesus e a Mulher Samaritana, um judeu e uma samaritana; dois povos que historicamente nunca se deram bem. O encontro acontece ao meio-dia, certamente sob um sol escaldante. Jesus está com sede e com fome: duas necessidades básicas do ser humano. O cansaço apodera de seu corpo, por isso é preciso

refazer suas forças com água, pão e depois um bom descanso. O poço de Jacob em Sicar é um bom lugar para isso. Lá se encontra uma mulher a apanhar água. O que faz uma mulher ao meio-dia em um poço apanhando água, se o costume era apanhar água de manhã cedo? O que faz uma mulher ao meio-dia em um poço apanhando água, se o costume era no final do dia? Esta mulher não quer ser vista; o seu passado lhe afasta do convívio de outras mulheres.

Importante lembrar que Jesus chega primeiro ao poço, em seguida chega a mulher, que logo escuta um pedido de Jesus: “*Dá-me de beber*” e a mulher responde: “*Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?*”. O pedido de Jesus à Samaritana – “*Dá-me de beber*” – ultrapassa todas as barreiras de preconceito e hostilidade entre dois povos: judeu e samaritano, como também supera o preconceito em relação às mulheres daquela época. A pergunta da mulher reflete o passado histórico de conflito entre judeus e samaritanos, mas também é sinal de resistência de alguém que muitas vezes tem dificuldade em sair da superficialidade em direção ao seu mundo interior. Após esta pergunta, Jesus convida esta mulher a entrar num diálogo mais profundo e começa a falar no dom de Deus que é ele próprio, cujo significante é *água viva*. A mulher continua sem entender o discurso de Jesus e entra numa questão histórica quando diz: “*És maior do que o nosso pai Jacob?*”. A mulher apela para a tradição e não consegue enxergar em Jesus a presença de Deus Encarnado. Jesus sai da esfera histórica, sinal de resistência da mulher, que impedia compreender a possibilidade do começo de uma vida diferente. O diálogo continua e Jesus auto se apresenta como *água viva que jorra para a vida*, capaz de saciar a sede de liberdade, de paz, de justiça e de vida nova. Após este primeiro momento é preciso prosseguir o diálogo. O Mestre do cuidado sabe muito bem de como manejar todas as resistências que impediam a abertura do coração daquela mulher. Jesus sai da esfera da realidade externa e com um pedido penetra na história pessoal da samaritana: “*Vai, chama o teu marido e volta cá*”. A mulher respondeu: “*Eu não tenho marido*”. Diante da confissão da mulher, Jesus disse: “*Disseste bem, pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido*”. Há outras interpretações teológicas sobre esses cinco maridos, mas aqui não é momento para isso.

Esta revelação de Jesus provoca na mulher uma tomada de consciência histórica a respeito da promessa da vinda de um Messias. Em seguida Jesus declara-se o Messias anunciado pelos profetas e esperado pelo povo. Agora tocada no mais íntimo do coração pelo Filho de Deus, fonte de água viva que jorra para a vida eterna, a primeira atitude foi deixar o cântaro, o pote, símbolo de um passado de sofrimento, dor, tristeza, humilhação, para ir anunciar aos seus, a grande notícia: “*Vinde vê um homem que me disse tudo o que eu fiz*” e mais: “*Não será ele o Messias?*” O povo samaritano foi ao encontro de Jesus, o Messias

esperado e acreditou nele. Esta mulher que até antes de se encontrar com Jesus andava na clandestinidade por causa do seu passado e da atualidade de sua vida, torna-se agora mensageira de uma boa notícia de vida nova. Jesus a conduziu para um caminho de interioridade por meio de uma atenta escuta que a fez passar da superficialidade a uma autêntica vida interior, da solidão à comunhão com os outros.

O saber ouvir e o bem dizer no cuidado pastoral e na clínica psicanalítica remete a um ato. No primeiro, a um ato de um saber dizer a partir de um saber constituído, cuja depósito é a revelação e a tradição, fontes da fé e da graça, que se faz instrumento, possibilitando a aquele que é destinatário do cuidado pastoral a fazer memória de sua história pessoal, de sua historicidade, e mais, de descobrir nessa memória sinais visíveis da presença amorosa de Deus e da amorosa presença das pessoas. Na clínica psicanalítica, o primeiro impulso é o amor, amor ao saber ou amor suposto saber, que em seu desdobramento torna-se amor de transferência. Transferência que deve ser sustentada pelo analista para fazer emergir a verdade no analisando; a verdade que além de ser um saber sobre o sintoma, deve apontar um “caminho novo” em sua vida.

No cuidado pastoral, o amor como primeiro impulso é o amor de Deus. Amor que muitas vezes foi negado na experiência de vida da pessoa que busca o cuidado pastoral, e que o cuidador precisa fazer emergir na arte da escuta esta consciência de que “apesar de tudo” ele ou ela é amado, é amada pelo Deus da vida.

É preciso possibilitar ao destinatário do cuidado pastoral sinais internos, que brotam do coração, de uma força motivadora capaz de movê-lo a iniciar um processo de conversão, de metanóia, de mudança de vida. No segundo, na clínica psicanalítica, o saber ouvir e o bem dizer remetem ao ato analítico, ancorado na escuta do inconsciente que se manifesta por meio do discurso do analisando endereçado ao analista, sustentado num dispositivo que faz emergir a transferência a um saber suposto ou a um suposto saber. Saber que certamente surgirá do lado no analisando, saber do inconsciente, possibilitado na relação entre analisando e analista em trabalho, em direção a um alívio ou à cura. Neste sentido:

A transferência coloca para o paciente, o analista em uma posição de objeto de amor. E é a partir dela que podemos reinventar a clínica. Portanto, reinventar a clínica não é um enigma que possa ser confundido com um dom herdado dos que possuem um faro analítico.¹¹⁸

117. CARNEIRO, Henrique Figueiredo, Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade: Uma Posição, Revista Mal Estar e Subjetividade, Vol. 04, n.02, Fortaleza, 2004. p. 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus de Nazaré, Pastor e Mestre do Cuidado, cravado na cruz porque tanto amou, deu um grande grito, cujo eco chegou aos “quatro cantos” do mundo e em seguida exclamou: “Tudo está consumado”, e inclinado a cabeça entregou o seu Espírito nas mãos do Deus da Vida.

Em 1912, Freud, o mestre de Viena recomendava de que a pesquisa e a clínica devem andar juntas e completando dizemos que a teoria e prática devem andar juntas. É dizer que a teoria nasce da prática e a prática produz teoria.

O pesquisador quando se dispõe a debruçar sobre o objeto de pesquisa, ele o faz tomando por um desejo que é da ordem de sua subjetividade e de sua intencionalidade. Por isso é preciso dizer que um percurso foi feito em torno da temática do Cuidado Pastoral e da Psicanálise: Uma possível relação entre o discurso da fé e da graça e a ciência do Inconsciente e da Clínica.

Durante este nosso percurso na produção deste trabalho procuramos encontrar o sentido do termo cuidado pastoral e seus conceitos na teologia espiritual e de como este “modo de fazer o bem” foi vivenciado por Jesus de Nazaré, o Verbo Encarnado do Deus da Vida.

A prática do amor- cuidado de Jesus tornou-se projeto de vida ao longo do tempo na vida de seus seguidores e seguidoras, vivenciado primeiro pelas comunidades cristãs, onde o princípio vivencial era: “tudo era de todos”, depois no período patristico pela experiência e pelo testemunho que vão inspirar a continuação da vida em comunidade na singularidade da vida monástica sob o carisma do “Ora et Labora”, ou seja, Oração e Trabalho”.

Vimos que na Idade Média alguns fundadores de Ordens Mendicantes fizeram um retorno ao modelo de vida das primeiras comunidades cristãs, a exemplo de Francisco e de Clara de Assis.

O Cuidado Pastoral sempre foi nas diversas vivenciado nas diversas realidades históricas, e na Idade Moderna e Contemporânea não foi diferente; ele foi assumido pelos seguidores e seguidoras de Jesus.

A temática central deste trabalho foi identificar uma possível relação entre o Cuidado Pastoral e a Psicanálise, por isso procuramos tomar a psicanálise como paradigma ou modelo, capaz de conceber o ser humano a partir de um novo olhar, trazendo o Inconsciente como instância além da razão. Se a descoberta do Inconsciente trouxe uma nova forma de

compreensão sobre o ser, o pensar, o viver e o agir humano, a ciência psicanalítica inaugurou um “lugar”, a clínica, para melhor compreendê-lo. Compreendê-lo como ser que afeta e que é afeto em sua existência pela “dor de existir” e que na procura de compreender e de ser compreendido pode encontrar tanto no Cuidado Pastoral como na Clínica Psicanalítica alívio ou cura.

Destacamos que a prática do Cuidado Pastoral e a Clínica Psicanalítica pressupõem fundamentos. Na prática da primeira, o ponto de partida é a compreensão que deve levar o pastor ou a pastora, o cuidador ou a cuidadora a fazer uma experiência da revelação bíblica que atingiu sua plenitude na Encarnação de Jesus, Pastor e Mestre do cuidado e depois no *Depositum Fidei*, ou seja, no Depósito da Fé. A segunda, a partir dos fundamentos psicanalíticos freudianos e lacanianos.

Ainda é preciso dizer que no percurso em que foi produzido este trabalho foi possível experimentar sentimentos de dúvidas, ansiedade, inquietação, cansaço. Chegando ao seu final é preciso tomar as palavras de Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Se o Cuidado Pastoral é sustentado pela fé e pela graça do AMOR MAIOR, na clínica psicanalítica, ou melhor, no começo da análise está a transferência, que bem manejada pelo “saber ouvir” e pelo “bem dizer” possibilitará ao sujeito da demanda um saber em direção a um alívio ou quem sabe à cura.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA SAGRADA, *Versão dos Textos Originais*, Difusora Bíblica, Lisboa, Portugal, 1998.

_____. *Versão dos Textos Originais*, Difusora Bíblica Portugal, 2006.

ALBUQUERQUE, Judith. E. R. Disponível em:
<www.trt.jus.br/escola/down/oad/revista/rev.../pdf.jun.2006.> Acesso em: 30. Jul. 2014

ANTONIASI, Alberto; CRISTIANI, HENRIQUE, Cristiani, *Cristãos Vivendo em Comunidade*, São Paulo, 1989.

BOFF, Leonardo, *Saber Cuidar*, Vozes, Petrópolis, 1999.

Blogspot.com.br.o-sejeito-da-psicanálise/2014/03/.Disponível em: <<http://saberdesi>>.Acesso em: 21 jul.2014.

BRETZKE, Paulo Afonso, *A Jornada da Alma pelo Deserto: Depressão no Monaquismo Primitivo*, In: *Sobras da Alma, Traumas de Tempos de Depressão*, São Leopoldo, 2012

CARNEIRO, Henrique Figueiredo, *Sujeito, Sofrimento e Contemporaneidade: Uma Posição*, *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Vol. 04, n. 02, Fortaleza, 2004.

CATÃO, Francisco, *Espiritualidade Cristã*, Paulinas, São Paulo, 2009.

CONCILIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, 19, n.01, Roma, 1965.

CRUZ, São João da, *Um Home, um Mestre, um Santo*, Paulinas, São Paulo, 1999.

Ética-na-psicanálise. 03.2013.Disponível em: <psicologado.com/abordagens/psicanálise>. Acesso em: 2 ago.2014.

ETKIN, E. Gustavo, *Uma Introdução à Lacan*, Mateus Editora, Salvador, 1996.

FREUD, S., *A Pulsão e as Vicissitudes*, (1915), Vol. XIV

_____. *Formulações sobre os dois Princípios do Fundamento Mental*, (1911), Vol. XII.

_____. E.S.B., Vol. XII

_____. E.S.B., Vol. XIX

FRIGERMANN, Dominique., *A Psicoterapia Reconduz ao Pior? A Demanda e o Ato*. In: *O Ato Analítico, Associação Científica Campo Lacaniano*, Salvador, 2003.

FROM, Erich, *Psicanálise na Sociedade Contemporânea*, Ed. Guanabara Koogan, S.A. RJ, 198

GARCIA ROZA, Antônio L., *Freud e o Inconsciente*, Jorge Zahar, RJ, 1986.

_____. *Acaso e Repetição em Psicanálise*, Jorge Zahar, RJ, 2003.

HOCH. Lothar Carlos., *A Crise Pessoal e sua Dinâmica – Uma Abordagem a partir da Psicologia Pastoral*, ABAC, São Leopoldo, 2000.

ZUBIZARRETA, Ion Etxezarreta, *Irmão Carlos de Foucauld, ao encontro dos mais abandonados*, Loyola, São Paulo, 1999.

JESUS, Teresa de, *Livro da Vida*, Paulinas, São Paulo, 1983.

KUHNL, Thomas., *O-que-e-paradigma-segundo*. Disponível em:
<<http://filosofonet.wordpress.com;2012/07/02>> Acesso em: 29 jul. 2014.

LACAN, J., *A Ética da Psicanálise*, Seminário IV, Jorge Zahar, RJ, 1980

_____. *Escritos, Campo Freudiano no Brasil*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

LIBÂNIO, J. B., *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*, Loyola, São Paulo, 1982

LUTERO, Martinho, *frases-de-martinho-lutero*.2012/05/13.Disponível em:
<wordpress.com>.Acesso em: 22 Nov.2014.

MATOS, Henrique Cristiano José, *História da Igreja*, Lutador, Belo Horizonte, 1995.

MONDONI, Danilo, *Teologia da Espiritualidade Cristã*, Loyola, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, M. Roseli Kühnrich, *Implicações para as Relações de Cuidado*, Sinodal/EST, São Leopoldo, 2007.

OLIVEIRA, Sandra M., *versões-do-pai-no-ensino* acan.ebp.org.br.../pdf.jul.2010.Acesso em:
30 jul.2014.

PELLADA, Luiz Ernesto Cabral, *Psicanálise Hoje: Ainda uma Revolução?* In: *Psicanálise Hoje*, Vozes, Petrópolis, 1996.

QUINET, Antônio, *A Descoberta do Inconsciente*, Jorge Zahar, RJ, 2002.

RESENDE, Muniz A., *Biom. e o Futuro da Psicanálise*, Campinas, 1993.,

ROUDINESCO, Elizabeth, *Dicionário de Psicanálise*, Jorge Zahar, RJ, 1998.

SANTO, Agostinho, *Os Pensadores*, Nova Cultural, São Paulo, 1990.

SATHLER, Rosa R., *Cuidado Pastoral em Tempos de Mudança, Uma Hermenêutica Contemporânea*, ASTE, São Paulo, 2004.

SPRACHEN, Ernst Klett, *Standardwörterbuch Portugiesisch, Pons*, Stuttgart, Alemanha, 2007.

WWW.Significados.com.br. Acesso em: 29 jul.2014

WINE, Noga., *Pulsão e Inconsciente*, Jorge Zahar, RJ, 1992.